



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

PEDRO DOMINYCK LIRA FREIRE DE MELO

**PARTICÍPIOS NOMINAIS E VERBAIS: A FUNCIONALIDADE DOS PARTICÍPIOS
EM NOTÍCIAS DO *JORNAL G1 PARAÍBA***

**MONTEIRO – PB
2023**

PEDRO DOMINYCK LIRA FREIRE DE MELO

**PARTICÍPIOS NOMINAIS E VERBAIS: A FUNCIONALIDADE DOS PARTICÍPIOS
EM NOTÍCIAS DO *JORNAL G1 PARAÍBA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso em Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos

**MONTEIRO – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528p Melo, Pedro Dominyck Lira Freire de.
Particípios nominais e verbais [manuscrito] : a
funcionalidade dos particípios em notícias do Jornal G1
Paraíba / Pedro Dominyck Lira Freire de Melo. - 2023.
54 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos
Santos, Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Particípio nominal. 2. Sintagma verbal. 3. Semântica. 4.
Morfossintaxe. I. Título

21. ed. CDD 401.43

PEDRO DOMINYCK LIRA FREIRE DE MELO

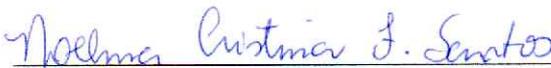
**PARTICÍPIOS NOMINAIS E VERBAIS: A FUNCIONALIDADE DOS
PARTICÍPIOS EM NOTÍCIAS DO *JORNAL G1 PARAÍBA***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Curso em Licenciatura em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB) como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em
Língua Portuguesa.

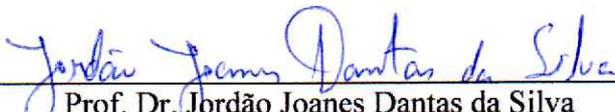
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 29 / 11 / 2023.

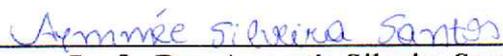
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Aymmé Silveira Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À minha amada mãe por todo cuidado e carinho mesmo estando distante durante o percurso de graduação.

À minha avó Maria, que não pôde estar presente em vida para ver esta conquista, mas tenho certeza de que, em algum lugar, ela vibra junto a mim.

À minha família que reside em Caruaru, pelo apoio amoroso e financeiro enquanto morava em Monteiro.

A Eliverson, meu irmão Patrick e aos demais familiares de Monteiro, por todo auxílio financeiro e cuidadoso enquanto residi na cidade.

À minha estimada professora e orientadora Noelma, por toda sua disposição, paciência e zelo durante o percurso acadêmico para a realização desta pesquisa.

À banca examinadora pelas válidas e criteriosas contribuições acerca do desenvolvimento desta pesquisa.

Às minhas queridas amigas Larissa Medeiros, Nayara Costa e Ellen Flavianny, por terem facilitado a caminhada rumo ao fim da graduação, com um bom humor e sempre dispostas a me incentivar.

RESUMO

O presente trabalho trata da problemática que envolve os participios nominais e verbais, voltando-se à associação das características destes participios, dado o conflito existente entre as suas identificações e diferenciações como forma nominal ou verbal. Temos como objetivos: identificar os traços morfossintáticos e semânticos que diferenciam os participios nominais e verbais; verificar as funções morfossintáticas dos participios; e analisar como se dá a empregabilidade destes participios em uma construção da voz passiva. Desta forma, com o intuito de alcançarmos estes objetivos, o *corpus* escolhido é formado por notícias divulgadas no site do *Jornal G1 – Paraíba*. Quanto à metodologia, esta tem cunho qualitativo-documental, contendo uma abordagem explicativa e descritiva. Para a fundamentação teórica, baseamo-nos em Perini (2010), Torres Morais (1988), Bagno (2011), Ferrarezi Jr e Teles (2008), entre outros, os quais discutem a relação na qual o participio é identificado como adjetivo ou verbo nas estruturas em que são encontrados. Por fim, foi possível identificar três tipologias de participios, das quais uma é estritamente nominal (participio nominal); outra, estritamente verbal (participio verbal) e, por fim, um tipo que marca função nominal e verbal simultaneamente (participio verbinominal).

Palavras-Chave: Participio nominal e verbal; Sintagma nominal e verbal; Semântica; Morfossintaxe.

ABSTRACT

The present work deals with the problem involving nominal and verbal participles, focusing on the association of the characteristics of these participles, given the conflict between their identifications and differentiations as nominal or verbal forms. Our objectives is to: identify the morphosyntactic and semantic features that differentiate nominal and verbal participles; Verify the morphological and syntactic functions of participles; and Observe how these participles are used in a passive voice construction. Therefore, in order to achieve these objectives, our chosen *corpus* was *GI – Paraíba*. As for the methodology, it has a qualitative documentary nature, containing an explanatory and descriptive approach. In terms of the theory applied in this research, we used the authors Perini (2010), Torres Morais (1988), Bagno (2011), Ferrarezi Jr and Teles (2008), etc., who discuss the relationship in which the participle is identified as adjective or verb in the structures in which they are found. Finally, it was possible to identify three types of participles, one of which is strictly nominal (nominal participle); another, strictly verbal (verbal participle), and, finally, a type that marks a nominal and verbal function simultaneously (verbinominal participle).

Keywords: Nominal and verbal participle; Nominal and verbal phrase; Semantic; Morphosyntax.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	11
3	GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS	15
4	METODOLOGIA.....	30
5	ANÁLISE DE DADOS.....	32
5.1	Particípio no sintagma verbal: voz ativa e voz passiva.....	33
5.2	Particípio no sintagma nominal: sem pausa entre o particípio e o núcleo do sintagma nominal	41
5.3	Particípio no sintagma nominal: com pausa entre o particípio e o núcleo do sintagma nominal	45
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	54
	LINKS DE ACESSO DAS NOTÍCIAS ANALISADAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

A história dos participípios sempre foi um dilema para os estudiosos, no que se refere à sua identificação, por razão de eles fazerem parte das formas nominais do verbo, o que inclui características dos nomes. Com base nisso, a problemática existente é focada no conflito da diferenciação dos participípios em comparação aos adjetivos, de modo que, por meio dos critérios morfológicos, semânticos e sintáticos, eles têm semelhanças que geram confusão nas suas identificações.

Fundamentando-se nos apontamentos anteriores, a relevância desta pesquisa se dá pela inquietação sugerida por muitos autores, como Perini (2010), Bagno (2011), Castilho (2014), Ferrarezi Jr e Teles (2008), dentre outros, os quais analisam como acontece essas discussões do participípio exercendo função de verbo ou adjetivo. Perini (2010) divide e denomina os participípios como verbais ou nominais, ou seja, aponta a existência de que os participípios podem exercer uma função não somente voltada à funcionalidade como verbos, sendo os participípios verbais (PV), mas também como adjetivos, o que ele chama de participípios nominais (PN), devido às valências exercidas pela forma nominal. Ademais, o referido autor traz uma novidade ao que é estabelecido como voz passiva, com relação aos participípios, no que se refere às locuções verbais, de forma que ele sugere que este emprego não resultará em uma locução, mas na aplicação de um verbo de ligação juntamente ao predicativo do sujeito.

Por este viés, nesta pesquisa, serão feitos apontamentos no que concerne à funcionalidade e diferenciação dos participípios nominais e verbais. Com base nisso, levantam-se indagações acerca da temática, quais sejam: 1) Que traços morfossintáticos e semânticos diferenciam os participípios nominais e verbais? 2) Quais as funções morfossintáticas desempenhadas pelos participípios nos sintagmas nominal e verbal? 3) Como acontece a empregabilidade destes participípios em uma construção da voz passiva, levando em conta a locução verbal?

Com a finalidade de responder a estas perguntas, tem-se como objetivos: identificar os traços morfossintáticos e semânticos que diferenciam os participípios nominais e verbais; verificar as funções morfossintáticas dos participípios; e analisar como se dá a empregabilidade destes participípios em uma construção da voz passiva.

Os estudos para a realização do presente trabalho revelaram que não há muitas pesquisas que discutam essa temática em periódicos em geral, se tornando escassa essa visão voltada à referida forma nominal do verbo. Uma autora que buscou estabelecer uma visão

panorâmica acerca dos participios nominais e verbais em diversas obras foi Joaquim (2013), de modo que ela reuniu obras que discutiam sobre o participio, adotando um viés voltado aos participios nominais e verbais e suas diferenças assumidas por meio de um olhar gramatical e ambíguo em relação às discussões sobre estes participios.

Ainda sobre essa ambiguidade, Joaquim (2013, p. 28) expressa, nos pontos finais do trabalho, que “Essa ambivalência se reflete na interpretação semântica das construções, que têm uma leitura estativa quando o participio desempenha função de adjetivo e uma leitura eventiva quando o participio ocorre como verbo”. Desta forma, o participio parece desempenhar uma função a depender do espaço no qual está localizado dentro de uma sentença nas suas palavras. No entanto, seu trabalho se trata de uma revisão bibliográfica; já em nosso trabalho, pretendemos analisar os participios por meio de notícias, para observarmos melhor seu funcionamento a partir dos dados coletados.

Uma das motivações desta pesquisa é gerada por razão dos apontamentos apresentados por Perini (2010), segundo o qual o participio pode ser dividido em duas partes, como participios nominais e verbais e também a sua identificação nas estruturas em que está situado. Além disso, uma outra motivação é o fato de essa temática ser pouco explorada academicamente, assim, por este motivo, acreditamos que, ao assumirmos a postura de pesquisadores, um caráter exploratório entra em enfoque, questionando e expandido o exposto por Perini (2010, p. 179). Este autor abre portas para pesquisas futuras sobre seu raciocínio, quando explicita: “Não quero dar a impressão de que a questão está decidida de uma vez por todas [...]”, retratando sobre as diáteses do verbo na construção passiva com o participio nominal e sobre as questões do participio nominal e verbal. Por este viés, tomando uma postura pesquisadora, propomos uma pesquisa fundada em aspectos engendrados na perspectiva analítica do autor.

Por fim, esta proposta está organizada da seguinte maneira: afora esta introdução, em que apresentamos nossa proposta; Na sequência, esboçamos a fundamentação teórica, onde serão apresentados autores de fundamental importância para a realização desta pesquisa, como Perini (2010), Bagno (2011), Neves (2018), Castilho (2014), dentre outros; Em seguida, já na metodologia, ilustramos os métodos de análise e, posteriormente, na análise de dados, aplicamos as discussões fundamentadas na pesquisa; por fim, expomos nossas considerações finais sobre a temática dos participios nominais e verbais.

2 GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Para esta pesquisa, foram reunidas três gramáticas tradicionais, dos autores Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011) e Bechara (2019). Introdutoriamente, Cunha e Cintra (2017, p. 508) explicitam que o particípio “desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo como permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal [...]” (Cunha; Cintra, 2017, p. 508). Ainda, os autores complementam que se emprega o particípio

[...] com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa [...], com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação [...], com o auxiliar *estar* para formar os tempos da voz passiva de estado [...]. (Cunha; Cintra, 2017, p. 508)

Sobre essa relação de voz ativa e passiva, é vista a problemática do particípio no que se refere aos adjetivos, confirmada pelos autores referenciados, ao afirmarem que “Quando o particípio exprime apenas o estado, sem estabelecer relação temporal, ele se confunde com o adjetivo” (Cunha; Cintra, 2017, p. 510). Por exemplo na oração “O vento **enfurecido** açoitava a rancharia”¹, o termo em enfoque pode, facilmente, ser confundido com o particípio – ou seja, em uma sentença como esta, a diferenciação de *enfurecido* como adjetivo ou como particípio torna-se conflituosa justamente pela proximidade semântica e sintática. Contudo, podemos vislumbrar um particípio pertencente ao sintagma nominal (O vento enfurecido) que, por sua vez, está na função de sujeito da oração, levando-nos a interpretá-lo como modificador do núcleo desse sintagma, ou seja, como adjunto adnominal.

Progressivamente, Cunha e Cintra (2017, p. 508) evidenciam que “Desacompanhado de auxiliar, o particípio exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada”, aplicando como exemplo “**Achada** a solução do problema, não mais torturou a cabeça”. Aqui também encontramos o particípio desacompanhado do auxiliar, mas pertencente ao sintagma verbal, portanto núcleo desse sintagma.

No que concerne às sentenças passivas e ativas, Cunha e Cintra (2017, p. 509) pontuam que “O particípio dos verbos transitivos tem de regra valor passivo”, como em “**Lidas** uma e outra, procedeu-se às assinaturas”, já no outro caso, “O particípio dos verbos intransitivos tem quase sempre valor ativo”, a exemplo de “**Chegado** aos pés, olhava-me para cima”, o que demonstra que não há necessidade, nestes casos, de um verbo auxiliar para que tenha sentido; em ambos os casos, o particípio assume a função de núcleo do sintagma verbal.

¹ É válido ressaltar que os exemplos em destaque, desta seção, são os utilizados pelas gramáticas dos autores Cunha e Cintra (2017), Rocha Lima (2011) e Bechara (2019).

Na sua gramática, Cunha e Cintra (2017, p. 457) denotam que “Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos estar, ficar, andar, ir e vir”. Um exemplo por eles apresentado é “Você está frito!”, em que o particípio expressa uma condição ao sujeito, a partir da cópula do verbo de ligação e o verbo principal. Rocha Lima (2011, p. 168) afirma que “O particípio tem valor e forma de adjetivo: modifica substantivos com os quais concorda em gênero e número; apresenta o feminino em -a, e o plural em -s”. Com relação aos particípios abundantes, Rocha Lima (2011, p. 223) exprime que “Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma em *ado*, ou *ido* — regular, portanto; e outra reduzida, irregular”. Neste ponto, não parece existir discordância entre os autores.

Rocha Lima (2011, p. 224) ainda completa: “O particípio regular de alguns destes verbos (aceitar, frigar, eleger, matar, salvar, etc.) emprega-se junto do verbo *ter*-, e o particípio irregular, não só ao lado de *ter*, mas também de *ser*”. Ou seja, em alguns verbos abundantes, a forma com verbo auxiliar *ter* ou *ser* é aceita, como em “Tenho **aceitado** (ou **aceito**) trabalhos demais este ano”; e “O candidato não foi **aceito** por motivo de saúde”. Com isso, de acordo com o ponto de vista do autor, há diferenças nas duas formas abundantes do particípio junto ao verbo auxiliar, dado que no primeiro há uma voz ativa com sujeito oculto utilizando o *ter*, de modo que não alteraria o verbo principal nem em gênero nem em número, podendo haver uma alteração somente no auxiliar, caso o sujeito fosse singular ou plural (por exemplo: Temos **aceitado** trabalhos demais; Maria tem **aceitado** trabalhos demais); por outro lado, a forma do particípio com o auxiliar *ser* é passível a variar tanto em gênero quanto em número, na voz passiva, tendo mais marcas adjetivas, ou seja, predicativa, por exemplo em “*Foram acesas* todas as lâmpadas do palácio”, em que podemos tomar o particípio com um valor adjetivo isolado, como o próprio autor explicita.

Por outro lado, o autor sinaliza que “Com outros verbos (acender, entregar, expressar, expulsar, prender, suspender, imprimir, etc.), o particípio regular somente se usa com o verbo *ter*-, e o irregular, ou com valor adjetivo isolado, ou com o verbo *ser*”. É o caso de “Ainda não tínhamos **acendido** a vela, quando a luz voltou”; “Fósforo **aceso**”; e “Foram **acesas** todas as lâmpadas do palácio”. É interessante ressaltar, segundo Rocha Lima (2011, p. 224), que “[...] na linguagem contemporânea, quer com o auxiliar *ter*, quer com *ser*, só se usam os particípios irregulares *ganho*, *gasto* e *pago*, dos verbos *ganhar*, *gastar* e *pagar*”. Ou seja, verbos muito utilizados nas duas formas, geralmente, por hipercorreção, na fala cotidiana.

Por fim, Bechara (2019, p. 315) afirma que o particípio “[...] pode valer por um adjetivo [...] Possuem [os particípios], quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número)”. Quanto à abundância de formas verbais,

segundo Bechara (2019, p. 319), “Abundante é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função”, de modo que exemplifica verbos com até três formas do particípio, sendo *nascido*, *nato* e *nado*; outros, com duas formas: *pagado* e *pago*, por exemplo. O autor ainda pontua: “[...] Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio (p. 319)”.

Em relação à voz ativa e passiva, Bechara (2019, p. 322) esclarece que “em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a *forma irregular*, que se flexiona em *gênero e número*, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva”. Nesse ponto, os três autores concordam sobre essa particularidade das formas nominais do verbo, de que na passiva existe essa relação entre concordar em gênero e número, diferenciando-se apenas na lista de verbos auxiliares apresentados, pois: no caso de Cunha e Cintra (2017), são frisados os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir* e *vir*; já em Bechara (2019), os verbos *ser*, *estar* e *ficar*. Quanto a Rocha Lima, não há uma definição precisa sobre estes auxiliares, com exceção do verbo *ser* na voz passiva. Em função da voz ativa, os autores entram em consenso no uso dos verbos *ter* e *haver*.

Sobre a passiva, Bechara (2019, p. 324) explana que “[...] *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*” (grifos nossos). Ainda sobre a voz passiva, Bechara (2019, p. 368) frisa que “O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino”, reforçando as características dos nomes – no caso, adjetivo. Igualmente, ressalta a concordância em número, quando diz que “Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural”. Bechara (2019) abre portas a uma questão que retoma as afirmações de Perini (2010), quando este comenta sobre a relação do particípio na construção de voz passiva. Aquele autor afirma:

Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito a casa um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. (Bechara, 2019, p. 589).

Bechara (2019, p. 589) completa o seu pensamento já expressando um conflito no verbo de ligação + o predicativo na voz passiva de particípio, assumindo que

A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações (um sujeito a equipe, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração [o verbo] e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no

traço semântico ‘ativo’ do lexema vencedora em oposição ao traço semântico ‘passivo’ do lexema vencido.

Observa-se neste ponto a dificuldade para diferenciar participípio e adjetivo, assumindo posição ativa e passiva. Neste trabalho, tomamos como partido traços +verbo como participípios verbais e +nome como participípios nominais. Como forma de resolução do problema, Bechara (2019, p. 589) expõe que

Um argumento forte em favor de considerar o participípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita “voz passiva”, é a possibilidade de comutação do participípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo.

Para elucidar, ele traz exemplos em que uma sentença como “A equipe é *vencedora*”, que substituindo ficaria “A equipe *o é*”; em “A equipe é *vencida*”, ficaria “A equipe *o é*” e “A equipe é *vencida* pelo adversário”, passaria a “A equipe *o é* pelo adversário”, substituindo parte da sentença. Nesta análise, como não há distinção sintática entre o primeiro e o segundo exemplo, dado que há um sujeito (a equipe), um núcleo verbal (*é*) e um predicativo (variável em número, sendo *vencedora* e *vencida* e em gênero (*vencida*), a diferença estaria no traço semântico, em que um está na voz ativa e outro na passiva. Quanto ao terceiro exemplo, é possível observar que se trata de uma voz passiva, mas agora complementada por um agente.

O autor evidencia ainda que o mesmo ocorre quando o complemento se trata de um adjunto adverbial de causa ou meio, e não de agente, como em “A pressão é *controlada* com remédios”, ficando “A pressão *o é*”; “O artista foi *elogiado*”, sendo “O artista *o é*”. Neste caso, é perceptível ainda a mesma ideia mencionada anteriormente, somente ocorrendo a omissão do agente da passiva.

Portanto, Bechara (2019, p. 589) conclui que “Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo”. Deste modo, essa análise parece nos evidenciar que a visão tida pela gramática tradicional, em casos como os descritos, da existência de uma locução verbal, parece equivocada por razão desse uso do verbo de ligação + o participípio terem mais traços semânticos de nome do que de verbo. Ressalta-se também que o autor não discorre se isso aconteceria em todos os casos e que ele afirma seguir a análise pela passiva, “por motivações didáticas”. Por fim, é possível pensar que, talvez, isto poderia ser um dos critérios de diferenciação entre o participípio verbal e nominal, inicialmente.

3 GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Referente às gramáticas contemporâneas, criaremos um paralelo entre as ideias de Castilho (2014) Bagno (2011), Perini (2010), Ferrarezi Jr e Teles (2008) e Neves (2018) sobre o particípio.

Sobre a morfologia da palavra *particípio*, Castilho (2014) esclarece que

[...] o termo *particípio* resulta do substantivo latino *partis* + o verbo *cipio*, ou seja, “aquele que toma parte”, nesse caso, aquele que toma parte na categoria nominal e na categoria verbal, simultaneamente. Foi uma bela sacada terminológica, que logo perdemos quando especializamos o termo *particípio* para a designação de apenas uma das formas participiais, aquela portadora do morfema {-do/-to}, como em *falado*, *posto* (Castilho, 2014, p. 408-409).

Neste ponto, podemos observar essa notoriedade que já havia sobre a categoria nominal e verbal em uma relação, a depender do contexto – ou seja, em dado contexto tomaria o termo como adjetivo, em outro, como particípio. Para complementar e exemplificar, outro autor que pontua essa relação de proximidade entre o particípio e adjetivo é Bagno (2011, p. 715) o qual apresenta que

Os primeiros gramáticos gregos empregavam o termo *metokhé* (“participação”) para se referir a determinadas palavras que, embora derivadas dos **verbos**, compartilhavam muitas características dos **nomes**. Por não se encaixarem perfeitamente em nenhuma das ditas grandes classes principais, aqueles estudiosos decidiram colocá-las numa classe própria [...] que vamos chamar de verbinominais.

Levando isso em conta, os chamados *verbinominais* demonstravam essas características similares entre a forma do particípio e o adjetivo, como no quadro abaixo:

Quadro 1 – Comportamento morfossintático do particípio

+VERBO		+NOME
1. Terminada a sessão, todos se retiraram.	2. As casas foram demolidas .	3. Tantas horas perdidas .

Fonte: Adaptado de Bagno, 2011, p. 716.

Observando este quadro, podemos notar que o termo *terminada*, em 1, está indicando uma relação mais próxima ao verbo que ao adjetivo; em 2, é possível notar uma inter-relação com verbo (dando a ideia de ação concluída) e com adjetivo – morfologicamente falando – (atribuindo uma característica ao sujeito); e, em (3), percebe-se o termo *perdidas* mais próximo

à classe dos nomes (atribuindo uma característica ao sujeito) que à classe dos verbos. Dessa forma, percebemos que o particípio pode ser analisado num *continuum* cujos polos são +verbo e +nome, nos quais predominam traços dessas classes de palavras.

Diante da questão do particípio e sua similaridade com os nomes, conforme apresentado anteriormente, Perini (2010) abre portas para uma indagação sobre os particípios, de forma mais robusta, dispondo argumentos como o de que ele apresenta irregularidade semântica, tendo em vista a divergência na funcionalidade, em relação às demais formas nominais (infinitivo e gerúndio).

Um de seus argumentos é em relação à valência verbal, como ele aponta:

Um princípio que não admite exceção é que cada verbo tem uma valência própria, que funciona qualquer que seja a forma assumida pelo verbo. Ou seja, a valência de *bater* é exatamente a mesma de *batemos*, *bate*, *batia*, *bateu*, *bato*, etc. As formas não conjugadas, como o infinitivo e o gerúndio não são exceção: *batendo* e *bater* ocorrem exatamente nas mesmas construções que as outras formas verbais (Perini, 2010, p. 174).

Esta observação é pertinente pois, em uma sentença como “O Fábio *bateu* no cachorro” (p. 175), da mesma forma poderia se construir “O Fábio *bate* / *batia* / *está batendo* no cachorro” (p. 175), a valência funciona, mas não é o caso do particípio no exemplo do mesmo autor: o verbo no particípio apresenta agramaticalidade, como em “*O Fábio *batido* no cachorro”, em que é evidente a má construção dessa frase devido ao uso do particípio não estar tendo concordância. De forma contrária, o autor apresenta o exemplo “O Fábio *tem batido* no cachorro” (p. 176), no qual a valência do verbo “bater” está satisfeita com o sujeito agente e o complemento paciente, quando na voz ativa. Assim, a oração e seu sentido estão completos.

Ainda sobre o particípio, Perini (2010, p. 175) dispõe que ele “[...] tem uma valência própria, diferente da do verbo – e isso mostra que o particípio não é parte do lexema verbal que inclui *bato*, *bater*, *batia*, *batendo*, etc. O particípio se parece mais um adjetivo do que uma forma verbal”. Deste modo, considerando a irregularidade semântica do particípio, em construções como “O carro *batido*”, o autor traz a ideia de que evoca um evento finalizado, o resultado de uma ação – todavia, em “menina *intrometida*”, não tem o mesmo significado semântico que se tem no primeiro enunciado, pois “[...] *intrometido* não é resultado de *intrometer*, mas antes o agente dessa ação” (Perini, 2010, p. 175). Observando esse exemplo, nota-se essa particularidade adjetival em termos como sabido, divertido, decidido, etc., onde o particípio mais parece um adjetivo que um verbo, como bem mencionou o autor supradito.

Perini (2010, p. 175) ainda apresenta um olhar voltando-se ao particípio morfologicamente, como, no caso de plural, o fonema -s aparecendo para marcar pluralidade, o que não ocorre de forma alguma nas formas verbais, pois “os verbos fazem plural, mas nunca em -s”. Este argumento de Perini aparece anteriormente já na mencionada gramática de Rocha Lima (2011, p. 168), o que demonstra uma prévia notoriedade para esta discussão, explicitando um caráter também nominal ao particípio.

Além da marcação de plural, indicia a flexão de gênero, como no caso de *batido/batida*. Devido a isso, nota-se que o particípio não faria parte do lexema verbal, mas sim próximo à derivação (formação de novas palavras). O autor acrescenta:

Ora, se o particípio não é uma forma verbal, não é o núcleo de uma oração: por conseguinte, não existem orações de particípio. Uma forma como *batido* em um carro *batido* deve ser denominada **particípio nominal**; na verdade, trata-se de um nominal, um tipo que tradicionalmente se chama “adjetivo” (Perini, 2010, p. 176).

Sobre essa derivação, Bagno (2011, p. 725) apresenta que

[...] em locuções verbais, era simples distinguir quando o particípio passado era /+verbo/ ou /+nome/ graças à presença de flexões de número e gênero, bem como de sufixos derivacionais de aumentativo, diminutivo e grau (*perdida, perdidas, perdidasinhas, perdidas, perdidasinhas, perdidasinhas*).

No entanto, o autor alerta que nem sempre ocorreu dessa maneira. É revelado que, nos tempos compostos, na fase mais antiga da língua, mais precisamente no latim vulgar, o particípio era sentido como “um **adjetivo** da mesma qualidade do que ocorria na voz passiva analítica” (Bagno, 2011, p. 725). A exemplo, ele traz “**Tenho** minhas tarefas **concluídas**”, que transformando na voz passiva, ficaria “Minhas tarefas **foram concluídas**”. Para detalhar melhor, paralelamente ele utiliza um exemplo de uma música de Paulinho da Viola, denominada “Miudinho”. Em um trecho dessa música, aparece a oração “**Tinha** meu quarto **arrumado**”. Bagno (2011, p. 725), sobre esse trecho, propõe que

[...] a dupla afirmação do particípio como /+verbo/ (**tinha arrumado** meu quarto) ou como /+adjetivo/ (tinha meu quarto **arrumado**) parece possível — o que se comprova se substituirmos *quarto* por *casa*: **tinha arrumado** minha casa /+verbo/ ou tinha minha casa **arrumada** /+adjetivo/.

Finalmente, Bagno (2011, p. 725) apresenta o que talvez seja um critério definidor para a diferenciação do particípio nominal e verbal como objeto, quando acrescenta “Parece que a inserção do objeto entre o auxiliar e o verbo principal gera essa “sensação” de que o particípio está mais para adjetivo do que para verbo”.

Castilho (2014, p. 516) também tem a mesma visão no que concerne à passagem de semelhança do particípio e adjetivo, quando revela que “[os particípios] sempre foram considerados como verbos não prototípicos, meio verbos, meio adjetivos, e disso decorre sua denominação”, o que fortalece o argumento guiado por Perini (2010).

Uma outra visão válida a ser ressaltada é a de Ferrarezi Jr e Teles (2008, p. 171), quando suscita que não há uma classe nominal dos verbos pelo fator da flexão não ser capaz de mudar uma classe de palavras de sua classe original:

Há, sim, palavras que, originalmente verbos, podem ser utilizadas como nomes, independente do fator de flexão. No caso do particípio, basta ver que, assim como acontece com tantas outras palavras utilizadas ora numa classe, ora noutra, um mesmo item lexical assume ora a função verbal, ora a adjetiva, sem que seja as duas coisas ao mesmo tempo, porém; muitos gramáticos apresentam como exemplo de particípios formas flexionadas para o feminino. Ora, se não há verbos brasileiros no feminino, tais formas não podem ser verbos, muito menos particípios. Trata-se de óbvio equívoco, uma vez que não há, nos paradigmas do brasileiro, formas verbais possíveis no feminino (Ferrarezi Jr e Teles, 2008, p. 172).

Por este lado, os autores levam o fator contextual para a classe de palavra aqui analisada, nessa concepção de ‘flutuação’ entre as classes. Neste viés, não seria diferente com o particípio, que, como já vimos, flutua para +verbo ou +nome a depender da posição sintagmática que esteja.

Em suma, o particípio se mostra próximo ao que chamamos de adjetivo devido a essas particularidades tanto sintáticas quanto mórficas. Neste ponto, Perini (2010) indica que não há somente particípios, mas sim existem dois tipos: particípios nominais (assumindo esses apontamentos vistos anteriormente) e particípios verbais.

Em relação ao particípio verbal, contrariamente aos nominais, Perini (2010) estabelece que não assumem a possibilidade de flexão em gênero e em número, afinal, em uma construção como “O Fábio tem batido no cachorro”, por exemplo, o verbo auxiliar (VA) pode flexionar em número, ao lidarmos com um sujeito plural, como “Os meninos têm batido no cachorro”, mas o verbo principal (VP) não pode flexionar [nem em gênero nem em número], pois se alterada a forma, torna-se agramatical, como em: “Maria tem *batida* no cachorro”.

Baseando-se ainda em critérios de diferenciação, Perini (2010, p. 176) expõe que “alguns verbos têm os dois particípios diferentes, e é interessante observar que, nesses casos, a forma morfológicamente regular é sempre o particípio verbal, e o particípio nominal é irregular [...]”. Neste sentido, como já explicitado, o autor exemplifica “carro batido” como resultado de uma ação, tendo traço +adjetivo, a partir da possibilidade de flexão, por exemplo “batido(s)/batida(s)” (Perini, 2010, p. 175). Neste caso, o particípio está na sua forma regular

(por razão de não existir a forma irregular do particípio batido). Contudo, temos percebido que diferenciar os particípios nominais dos verbais com base no critério morfológico não é suficiente, dado que podemos identificar como nominal aquele tanto regular quanto irregular, sendo, de mesmo modo, este entendimento aplicado ao verbal.

Com foco na análise do particípio verbal, Bagno (2011) informa, no tocante ao sintagma verbal, que

A posição central, chamada núcleo do sintagma, é ocupada precisamente por um verbo e por isso o sintagma é qualificado como *verbal*. Esse verbo tem de ser um **verbo pleno**, do ponto de vista semântico, e um **verbo principal**, do ponto de vista sintático (Bagno, 2011, p. 513)

O autor ainda expõe uma visão sobre os verbos auxiliares funcionando como especificadores do núcleo verbal:

À esquerda do núcleo está a posição que pode ser ocupada pelos **especificadores**. No caso do sintagma verbal, esses especificadores podem ser outros verbos que, para ocupar essa posição, têm de ser, do ponto de vista semântico-sintático, **verbos auxiliares** (BAGNO, 2011, p. 514).

Sobre os complementadores, Bagno (2011, p. 514) afirma que eles ocupam a posição à direita do verbo e são “**objeto direto, objeto indireto e complemento relativo (ou oblíquo)**”. Como exemplo, expõe apenas um com uso do particípio, sendo “**tem** chovido **granizo**”, no qual podemos notar o especificador ter como verbo auxiliar e o complementador sendo objeto direto dessa locução verbal.

Com isso em mente, ao retornarmos para Perini (2010), ele traz: “Alguns moleques tinham acendido a luz do parque”, em que o VP é impossibilitado de flexionar em gênero e número e precisa do auxiliar *ter* para manter a concordância; devido a isto, trata-se de um particípio verbal. Por conseguinte, em uma sentença como “A luz acesa ficava muito longe”, encontra-se o particípio concordando com o núcleo do SN – diferentemente do exemplo do particípio verbal apresentado acima.

Para adentrarmos mais nessa discussão do particípio verbal, temos a conceituação da voz ativa. Segundo Neves (2018, p. 196), “diz-se que uma oração está na voz ativa quando nenhuma mudança formal altera a relação semântica entre o verbo e seu sujeito: por exemplo, uma oração está na voz ativa se, havendo um verbo de “ação”, o sujeito dele é o agente”. Com fim ilustrativo, apresenta “*Mariana **aguardava** a primeira refeição enquanto pela janela, curiosa, **observava** o povoado*”, de forma que podemos verificar como acontece a construção ativa.

Ainda sobre a voz ativa, Neves (2018, p. 164) exprime “os **verbos** que auxiliam a indicação de tempo, como *ter* (*tinha feito* e *tinha sido suspenso*, expressão de passado, em voz ativa e em voz passiva, respectivamente) [...]”. Para exemplificar, a autora traz os exemplos “*Durante anos **tinha feito** aquele trajeto calmamente, rumo ao escritório onde trabalhava. Naquele dia, porém, tudo era diferente. **Tinha sido suspenso** do emprego sob a vergonhosa suspeita de desfalque*”. (PCO-R). Diante disso, podemos observar o particípio acompanhado de seu auxiliar (*tinha feito*), em que é possível sugerir que há um particípio verbal, com sua voz passiva correspondente, com agente não explícito (Aquele trajeto foi feito calmamente por alguém).

Analisando com a perspectiva de Perini (2010), o particípio não flexiona em número e gênero, quando na voz ativa; contudo, pensando na “voz passiva”, o particípio é capaz de flexionar tanto em gênero como em número, a depender do sujeito que estabeleça relação. Na entendida voz passiva, tradicionalmente, há uma locução verbal, mas para o autor, não se entende como locução verbal, sim como predicativo do sujeito, a partir do verbo pleno de ligação *ser*. Neste caso, se trata de um particípio verbal, na voz ativa; na passiva, predicativo do sujeito.

Em paralelo com essa noção, o outro exemplo (*tinha sido suspenso*), tradicionalmente, é tido como locução verbal, na voz passiva. A sua voz ativa é pensada como “alguém suspendeu alguém”. Em um caso como esse, se aplicado o raciocínio de Perini (2010), podemos entender que há dois verbos, um no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tinha*) e outro sendo particípio passado (*sido*, na forma regular).

Deste modo, “*suspenso*” é particípio nominal por atração ao auxiliar “*sido*”, que é responsável por torná-lo irregular e trazer marcas predicativas ao sujeito (por exemplo, “A moça *tinha sido suspensa* das suas atividades”). Essa forma de análise não foi explorada pelo autor (com dois auxiliares), mas assumimos, a partir de seu raciocínio, essa forma analítica.

Além disto, para diferenciar o particípio nominal do verbal, é exposto que o auxiliar (no caso da voz ativa) seria *ter*, e a passiva (com verbos de ligação *ser* ou *estar*). Nesse caso, em específico, o auxiliar é *tinha*, com base na tradição, na voz passiva (não na ativa, como sugere o autor) o que gera conflito em associar como particípio nominal ou verbal. Porém, mediante ao verbo irregular e pela proximidade do verbo “*sido*”, consideramos este um caso de particípio nominal.

Outra noção apresentada por Neves (2018, p. 204) é que “Os verbos *ter* e *haver*, construídos com particípio, formam os tempos compostos com alguma indicação que toca o passado”. Como exemplo, apresenta “*Mas **tenho visto** uns vidrinhos de comprimido no seu*

lixo”. (ANB-R) e “*Em casa, à noite, Pantaleão quis ver o que a mulher **havia posto** na bolsa de viagem*”. (AM-R), de modo que podemos perceber essa relação de tempo apontada pela autora, a partir da locução verbal.

Castilho (2014, p. 449), o qual refletia sobre o uso de *ter* e *haver* + particípio nas perífrases das gramáticas, discorre que “*Ter e haver + particípio é quase uma unanimidade. Como essa perífrase expressa o tempo passado, conclui-se que o olhar dos gramáticos privilegiou a expressão do tempo sobre a do aspecto e do modo*”. Neste viés, a visão de Neves (2018), Castilho (2014), Bagno (2011) bem como muitos outros gramáticos entram em consenso sobre a argumentação desse uso comum na voz ativa, utilizando os verbos *ter* e *haver* + o particípio.

É válido ressaltar também que, em situações expressas como as citadas, leva-se em conta a existência dos particípios abundantes, em que um mesmo particípio tem a forma regular e irregular ao mesmo tempo, é o caso de *acender*, o qual tem a forma *aceso* e *acendido*; *ganhar*, o qual tem a forma *ganhado* e *ganho*, etc.

Impulsionando esta ideia, Bagno faz observações interessantes no que condiz ao uso do particípio regular e irregular:

O uso fez o particípio regular permanecer com o traço categorial /+verbo/, enquanto o particípio *irregular* assumiu de vez o traço /+nome/, sendo empregados predominantemente como adjetivos. Assim o emprego de uma ou outra forma vai ser condicionado, principalmente, pelo auxiliar [...] (Bagno, 2011, p. 720).

Perante esta explanação, baseando-se em uma figura do mesmo autor, temos:

Quadro 2 – Particípio na voz ativa e passiva

+VERBO	+NOME
Auxiliar: Ter/Haver	Auxiliar: Ser/Estar/Ficar
Voz: Ativa	Voz: Passiva
Particípio: Regular	Particípio: Irregular
(A) Ana tem pagado seus impostos em dia (regular)	(B) Meus impostos foram pagos em dia (irregular)

Fonte: Adaptado de Bagno, 2011, p. 720.

Atentando-se a essas sentenças, em (A) pode-se notar o verbo auxiliar concordando em número com o sujeito, enquanto o particípio não concorda, utilizado com o VA *ter*, o VP *pagado* mantém-se na forma regular – o que podemos definir como particípio verbal. De um

outro ângulo, por razão de o autor tratar apenas de exemplos com sujeito no singular, se considerássemos, no plural, por exemplo, “As empresas” no lugar de “Ana”, seria possível observar o verbo auxiliar concordando em número com o sujeito e o verbo principal sendo, também, um particípio verbal (As empresas têm pagado seu impostos em dia; as empresas tinham pagado seus impostos em dia); já em (B), percebe-se a concordância em gênero e número da locução verbal com o sujeito, utilizando do VA *ser* + o VP *pagos*, de forma irregular. É o mesmo caso em “A conta foi paga” e “As contas foram pagas”, nas quais a concordância entre o VA e o VP com o sujeito marca a existência de um particípio nominal.

Pensando nisso, conseguimos ver uma diferença entre os apontamentos de Cunha e Cintra (2017) e de Bagno (2011), de modo que o primeiro apresentava cinco verbos auxiliares, sendo *estar*, *ficar*, *andar*, *ir e vir*, e o segundo, apenas traz três destes VA, *ser*, *estar e ficar*, como já visto. Um autor tradicional que apresenta a mesma quantidade de auxiliares comparando a Bagno (2011) é Bechara (2019), mas este afirma que na passiva é comum o uso de *ser*, *estar e ficar*.

Semelhante ao quadro de Bagno (2011), em relação aos verbinominais, Castilho (2014, p. 408) em seu quadro sobre as formas nominais do verbo, compartilha da mesma premissa de Bagno (2011), mas pondo em foco o verbo pleno como +verbo e o infinitivo, gerúndio e particípio como ±verbos. Porém, focaremos, neste trabalho, apenas nos particípios. Neste ponto, o autor parece findar que “Em suma, as formas nominais do verbo têm seu estatuto categorial ancorado num ponto de indecisão” (Castilho, 2014, p. 409), dado este que fixa a complexidade dessas formas nominais do verbo.

Para ilustrar, o autor apresenta a ideia dos particípios como adjetivos, ou seja, com partículas +nome, ao ocupar função de adjunto adnominal, como em “*Tinha uma bela figura, os cabelos **penteados**, o ar **sério***”; e em núcleo de minissentença², por exemplo em “*O teatro resplandecia, completamente **lotado***” ou “*Achei-o **abatido***”. De forma contrária, Castilho (2014, p. 409) apresenta como +verbo o particípio como núcleo de sentença simples, como em “*Polícia, **parado aí!***” e “*Dito e **feito***”; também, como núcleo em sentença subordinada, em “***Passado o perigo**, saíram do esconderijo*” e “***Apoiado num bordão**, comecei minha viagem*”.

² Castilho (2014, p. 316) explica as minissentenças como o termo que é formado por mini e por sentença; assim, “O formante mini se justifica: as minissentenças não têm verbo pleno”. Deste modo, nasce uma minissentença quando ela não é selecionada por um verbo pleno, não sendo selecionadas por um verbo na sua forma pessoal, expressando uma predicação ao que foi pressuposto: por exemplo, ao dizer “Seu maluco” ou “Liquidação, meu!”, em que sugere que há propriedades ditas a alguém, no primeiro caso, ou referente a uma loja, como no segundo caso.

Retornando para Perini (2010, p. 178) ele traz um apontamento interessante no que se refere à construção passiva, pois em uma sentença como “A encomenda era *entregue* pelo porteiro”, em que comporta o VA *era* e o VP *entregue*, o autor explicita que *entregue* é um particípio nominal – observa-se a concordância em número com o sujeito e a forma irregular do verbo. Até aqui, percebemos um consenso entre os autores em chamar de particípio nominal o particípio acompanhado de verbo *ser*, como auxiliar, na voz passiva. Contudo, conforme exposto por Perini (2010), o particípio nominal é aquele em que não faz parte do lexema verbal, logo, *entregue*, segundo o autor, não é uma forma do verbo entregar – como não é uma forma do verbo, não seria uma diátese dele.

Como Bagno (2011, p. 581) salienta, “Na voz passiva, usamos predominantemente o verbo auxiliar *ser* seguido do *particípio passado* do verbo principal. Para a expressão do agente da passiva, usamos a preposição *por*”. Não muito diferente, Neves (2018, p. 197) afirma que

[...] o papel semântico do elemento que é o sujeito da voz ativa (que pode ser agente) vem representado, na passiva, por um termo iniciado pela preposição (geralmente a preposição **por**, e, em alguns casos, a preposição **de**), chamado, exatamente por isso, de **agente da passiva** (mesmo que o verbo não seja “de ação”).

Tendo isso em mente, Perini (2010, p. 179) compara a sentença “A encomenda era leve” com “A encomenda era entregue pelo porteiro”, pois se *entregue* é uma forma irregular, concordando em número com o sujeito e o particípio nominal não faz parte do lexema verbal e se parece com um adjetivo, *entregue* nada mais é que um predicativo do sujeito, sendo *era entregue* igual, sintaticamente, a *era leve*, quebrando a concepção de voz passiva – ou seja, não será mais uma locução verbal, mas um predicativo do sujeito; portanto, adjetivo.

De forma semelhante a Perini (2010), Ferrarezi Jr e Teles (2008) apresenta um olhar para a relação verbo de ligação +predicativo, quando exprime que

[...] os verbos de ligação do brasileiro não admitem a forma locucionada, exceto quando em um “presente contínuo” expresso através de verbos como *estar*, *ficar*, *permanecer* adicionado do gerúndio. Nas outras pretensas locuções, o que se tem, na realidade, é uma formação de *verbo de ligação + predicativo*. A concordância do pretense particípio com o núcleo do sintagma nominal sujeito comprova isso (Ferrarezi Jr e Teles, 2008, p. 174).

Para demonstrar, ele propõe “Maria é conhecida por muita gente”, que obedece ao mesmo tratamento que “João é conhecido por muita gente”, em que é perceptível a flexão em gênero do particípio em função do sujeito que o atende. Da mesma forma, acontece com “Eles são conhecidos por muita gente” e “Elas são conhecidas por muita gente”, agora flexionando em gênero e número, tanto o verbo auxiliar quanto o tido “verbo principal”.

Ferrarezi Jr e Teles (2008, p. 175), por fim, conclui que “Os exemplos anteriores deixam claro, portanto, que não há locuções verbais no brasileiro formadas por verbos de ligação + particípio. Nesses casos temos simplesmente verbos de ligação + predicativos formados por adjetivos”. Ou seja, este autor também não concorda que se trata de uma locução verbal, pois considera evidente que é forma característica do adjetivo, a partir desse processo de flexão e pelo seguimento aos parâmetros do sujeito. Deste modo, Ferrarezi Jr e Teles (2008) e Perini (2010) aparentam estar em consenso nessa afirmativa, quando o particípio está em uma relação predicativa, não verbal.

Com relação à discussão sobre voz passiva, Neves (2018, p. 196) explicita que

Diz-se que uma oração está na voz passiva quando há alguma alteração formal que inverte a relação semântica entre o predicado e o seu sujeito: por exemplo, uma oração está na voz passiva se, havendo um verbo “de ação”, o sujeito dele não é o agente, é o paciente.

A exemplo, ela dispõe “*Não era dada resposta por Leopoldo. Raramente qualquer coisa era sussurrada*”. É possível notar o sujeito tendo papel paciente em relação à construção verbal, neste caso, com uma construção de particípio. Com base na análise convencional, podemos refletir que estamos diante de uma voz passiva em que há uma ativa correspondente, uma vez que há uma locução verbal, em ambos os casos. Neste viés, temos, na voz ativa, “Leopoldo não dava resposta”. Porém, se considerarmos a perspectiva de Perini (2010), com sua afirmação da inexistência de voz passiva, utilizando o particípio, estamos diante, em ambos os exemplos, de um VP + predicativo do sujeito. Deste modo, portanto, não haveria uma voz passiva, dado que não há uma locução verbal, apenas uma ligação copulativa entre o VP e o predicativo. Complementando o já proposto, Neves (2018, p. 197) informa que “Só se forma uma voz passiva se houver correspondência semântica com uma construção de voz ativa que tenha objeto direto (verbo transitivo direto)”.

Para melhor visualização, ela traz “*A medida não foi bem aceita pela oposição*” (FSP-J), de forma que, alterando para a ativa, ficaria “*A oposição não aceitou bem a medida*”. De mesmo modo, como já analisado no exemplo anterior, podemos refletir que para a GT estamos diante de uma voz passiva com uma ativa correspondente, mas para Perini (2010), nós percebemos o verbo de ligação + o predicativo, em sua outra forma, a que concorda com o sujeito; portanto, seria um caso de particípio nominal.

Sobre o particípio, a respeito da auxiliaridade verbal, Neves (2018, p. 208) declara que “A locução verbal de voz passiva é tipicamente formada com o verbo *ser* e o particípio de outro

verbo (que tenha objeto direto)”, tendo como exemplo “*No domingo, ele tinha **sido visto** pela manhã, quando foi comprar jornal*”. (FA-J). A autora também inclui que “É possível a formação de uma **voz passiva** que indique **estado**, usando-se o **auxiliar estar**”, por exemplo em “*O problema dos homens **está resolvido***” (MMM-R).

Outro apontamento pertinente é o que Neves (2018) marca:

a voz passiva (aquela que envolve um agente que não é sujeito) se expressa [...] ou por um verbo auxiliar, geralmente o verbo *ser*, junto de particípio passado; ou pela construção do verbo nuclear (transitivo direto) com o pronome pessoal oblíquo átono *se* [...]. De modo analítico, ou seja, com mais de um verbo: um verbo transitivo direto no particípio passado + um verbo auxiliar de voz, especialmente o verbo *ser* (Neves, 2018, p. 209).

Para elucidar, ela traz “*O comerciante que decidir fechar hoje seu posto de gasolina **fica obrigado** a abrir amanhã, das 6h às 20h. Todos os postos são obrigados a abrir hoje ou amanhã, a escolha é do proprietário*” (FSP). Na primeira locução verbal, na concepção da autora (e também na concepção tradicional), há o uso do VA “fica” + o VP “obrigado”, em que podemos notar uma voz passiva com uma ativa correspondente (Alguém obriga o comerciante a abrir amanhã). Na concepção de Perini (2010), estamos diante de um VP (fica) + predicativo (obrigado). Na outra oração, temos a mesma concepção tradicional da anterior, e, para Perini (2010), é utilizado o verbo de ligação (ser) + o predicativo do sujeito (obrigados), se tratando de uma forma de uso do particípio + nome pela concordância em gênero e número com o sujeito (postos). Portanto, particípio nominal.

Com foco no verbo *ser*, Bagno (2011, p. 614) enuncia que “[...] A perífrase **ser + particípio passado** se consolidou na formulação da **voz passiva**”, o que corrobora o posicionamento de alguns autores apontados anteriormente sobre essa mesma combinação. Em relação ao verbo *estar*, o autor fundamenta que “[...] Também forma perífrase com o **particípio passado**, que atua como adjetivo: *estou perdido; estou arrasado; estou preso; estou assustado* etc” (Bagno, 2011, p. 615). Desta forma, podemos captar ainda mais uma construção verbal de particípio a ser confundida com adjetivo, com o auxílio do verbo *estar*. Ainda, em decorrência dessa colocação do verbo, Castilho (2014) revela que

Não tendo havido casamento com o gerúndio, *ser* foi à luta, e descobriu sua verdadeira praia em seu processo de auxiliarização, em companhia do particípio. Não deu outra: o emprego de *ser + particípio* na formação da voz passiva foi um sucesso (Castilho, 2014, p. 400).

Para exemplificar, o supracitado autor traz a seguinte oração: “Os dois **foram presos** pelo delegado de plantão”, na qual podemos detectar, segundo sua afirmação, uma locução verbal que apresenta uma função característica mais de participio nominal do que verbal.

Partindo para a voz passiva analítica, com viés para análise dos verbos auxiliares *estar* e *ficar*, podemos notar o que Neves (2018, p. 210) explana: “formada com outro auxiliar que não o verbo *ser* é mais rara e de significado menos neutro. Assim, por exemplo: com o verbo *estar*, fica marcada uma passiva de estado adquirido”. Para elucidar, ela expõe “*O casamento estava marcado para dali a um ano*” (MUL-R).

Já no caso do verbo *ficar*, Neves (2018, p. 210) acrescenta que “[...] fica marcada uma passiva de mudança de estado”, por exemplo em “*Ele ficou marcado pelas botinadas que deu em Renato, do Flamengo*”. (PLA-J). Podemos perceber, portanto, que a perspectiva de Neves (2018) se encontra com a de Bagno (2011) ou mesmo de Bechara (2019), em relação ao verbo *ser*, *estar* e *ficar*, na construção de voz passiva.

Ainda sobre as construções passivas, uma outra visão pertinente sobre esse conflito entre participio nominal e verbal é a proposta por Torres Morais (1988, p. 120), a qual apresenta, em sua pesquisa, o seguinte posicionamento:

Embora os participios passivos adjetivos e os participios passivos verbais sejam morfológicamente idênticos no português e a distinção semântica entre eles seja sutil — as passivas verbais estão associadas com a leitura eventiva, enquanto as passivas adjetivais estão associadas com a leitura estativa —, certos ambientes morfológicos e sintáticos claramente distinguem entre os participios distintos categoricamente, pois, esses ambientes selecionam ou verbos ou adjetivos.

Para discutir as construções passivas adjetivais, a autora apresenta três argumentos. O primeiro deles se refere à própria morfologia do participio, no qual é possível a inserção de prefixos negativos (i-in) em formas adjetivas. Por exemplo, em “O projeto de tese foi inalterado” (in+alterado); “O acidente foi inesperado” (in+esperado). Deste modo, se possível a inserção do prefixo negativo em participios, isto significaria que ele seria considerado um adjetivo, dada a possibilidade de coexistência com outros adjetivos, por exemplo “**feliz/infeliz; possível/impossível**” (Torres Morais, 1988, p. 120). Além de que, em contraste com o verbal, não existem, no português brasileiro, prefixos negativos em formas verbais, como em “*inalterar; *inesperar”.

Por fim, estes adjetivos são tidos como estativos visto que, segundo a autora, “Os participios passivos com o negativo i-/in- são adjetivos estativos e não têm a contraparte ativa. Não se tem, por exemplo, ***alguém inalterou a tese, *alguém inesperou o acidente, *alguém impensou a atitude, *alguém inabitou a ilha, etc**” (Torres Morais, 1988, p. 122).

Outro fundamento disposto pela autora é o seguinte:

Um número de verbos em português que seleciona complemento adjetival, mas não verbal, proporciona novas evidências para confirmar que o particípio passivo, o qual aparece como complemento de tais verbos, é adjetivo, não verbo. Entre esses verbos estão ser, estar, andar, ficar, julgar-se, considerar-se, etc (Torres Morais, 1988, p. 122).

Para demonstrar, a supradita autora apresenta exemplos. O primeiro deles é “As crianças do prédio são bastante **animadas**” e o segundo “As crianças do prédio são muito **barulhentas**”. Deste modo, nos exemplos vistos, podemos perceber o complemento sendo preenchido com adjetivos, não verbos. Ainda, a autora parece trazer uma relação paradigmática com estes exemplos, dado que estas evidências denotam que a forma participial é equivalente a qualquer outro adjetivo (As crianças do prédio são bastante animadas/barulhentas, grandes, etc.).

Para finalizar os argumentos em prol dos particípios em construção passiva como adjetivos, a autora diz que os particípios passivos ocorrem na posição atributiva. Ela pontua que “Nestes casos, os particípios passivos ocorrem após o N, o qual é o núcleo dos SNs que exercem a função de **SUJ** ou **OBJ** do predicado” (Torres Morais, 1988, p. 123). Como exemplo, ela apresenta “Os livros **encomendados** já chegaram à biblioteca” e “Os livros **novos** já chegaram à biblioteca”.

Desta forma, o raciocínio aplicado neste terceiro argumento é semelhante ao de Perini (2010), pois a autora considera a possibilidade de flexão do particípio quando adjetivo. Assim, poderíamos entender, para fins ilustrativos, “As cartas **encomendadas** já chegaram à biblioteca”, em que há flexão em número e gênero. Por fim, os particípios, quando pertencentes ao SN, após o núcleo ou objeto do predicado, são entendidos como adjetivos.

Com relação ao particípio passivo verbal, a autora propõe quatro formas de análise. Na primeira, Torres Morais (1988) explicita que, quando o particípio tiver sentido verbal, não será possível a aplicação de prefixos negativos. Para exemplificar, ela traz “*O campeonato de vôlei foi **indisputado**” e “*Os problemas foram **irrefletidos** pelos alunos” (Torres Morais, 1988, p. 124). A referida autora não discute sobre os exemplos, porém, é perceptível que a impossibilidade de ser adicionado um prefixo de negação somada à utilização do agente sugere que há uma forma verbal, quando o auxiliar marca um sentido eventivo. Ou seja, não é um caso apenas de que “foram irrefletidos”, resultando uma condição, mas o agente, em seguida, estabelece um sentido completo de que há uma ação, não um olhar estativo sobre o presente aspecto semântico.

Em função de outro raciocínio, Torres Morais (1988, p. 124) esclarece que “Um ambiente tipicamente adjetival onde não ocorre participípio passivo verbal é aquele em que o participípio passivo ocorre como complemento de verbos que indicam mudança de estado, como tornar-se, ficar, etc.”.

Como exemplo, podemos observar em “A preciosa joia tornou-se **cobiçada** no mundo todo”, no qual assumir “*A preciosa joia tornou-se **vendida** no mundo todo” causa estranhamento. De mesmo modo, em “O livro ficou **conhecido** de todos”, em que a troca do participípio resultaria em “*O livro ficou **comprado** no mundo todo” se entende na mesma perspectiva de estranheza. Assim, os participípios passivos verbais são aqueles que tem como complemento um verbo, não um nome, diferentemente de como já vimos em “As crianças do prédio são bastante **animadas**”.

O terceiro argumento apontado por Torres Morais (1988, p. 125) é que “Os participípios passivos verbais não serão precedidos pelos modificadores de grau, como muito, pouco, bem, bastante, etc.”. Para exemplificar, ela apresenta “*O grupo da Nitis foi [muito, bastante, pouco, bem] **considerado** bom pelos críticos teatrais”, de modo que percebemos o sentido comprometido pela anteposição; já em “O trabalho do grupo foi **considerado** muito bom pelos críticos teatrais”, a aplicação do grau é funcional quando posto após o participípio.

Por fim, o quarto argumento da autora se dá no entendimento de que “Os participípios passivos verbais de verbos como considerar, escolher, julgar, etc. aparecem seguidos de expressões predicativas”. Assim, é apresentado “Patrícia é considerada uma pianista admirável”; “Patrícia é *feliz”. Com relação a outro exemplo, a autora apresenta “Patrícia é considerada muito talentosa; “Patrícia é exigente”. No que se refere ao segundo exemplo, Torres Morais (1988) diz que

Outra evidencia para se poder manter a afirmação de que algumas passivas são verbais e outras adjetivais decorre dos contextos ambíguos em que é possível uma leitura dinâmica e uma leitura estativa dos participípios passivos. Esses contextos são muito limitados e dependem totalmente de propriedades semânticas dos verbos ativos que servem como base para a formação dos participípios envolvidos (Torres Morais, 1988, p. 127).

Para elucidar, observemos como se comportam os participípios em algumas das construções. A autora apresenta, então, “O solo do Nordeste é **rachado** pelo sol inclemente” em contraposição a “O solo do Nordeste é **rachado** em algumas regiões”. Em seguida, também apresenta “A carne era **congelada** pela baixa temperatura” e “A carne era **congelada** e não fresca”.

Neste viés, podemos perceber, nos exemplos, o agente da passiva sugerindo uma leitura eventiva para casos como os quais é existente um agente da passiva explícito e estativa para casos em que não há agente explícito. Percebemos o comportamento do particípio diante de um agente, de modo que desperta o viés de que ele é um verbo por razão do agente e, quando não se nota um agente imediato, como em “A carne era congelada”, pode-se compreender uma leitura estativa, predicativa.

No entanto, por mais que o agente não esteja evidente, o contexto traz, implicitamente, que há um agente em ambas as construções tidas como estativas, como em 42b (O solo do Nordeste é rachado em algumas regiões pelo sol) e 43b (A carne era congelada pelo açougueiro, por exemplo). Deste modo, cremos que, nos exemplos apresentados, a leitura eventiva funciona pelo motivo de termos um agente, enquanto a estativa sugere um estado, inicialmente, porém ainda apresenta um agente que está implícito pelo contexto.

Por fim, Torres Morais (1988, p. 128) traz sua conclusão sobre estes apontamentos:

Conclui-se, portanto, do que foi dito acima, que podemos assumir o fato de que o português possui duas passivas: a passiva verbal e a passiva adjetival. As passivas adjetivais são idênticas na forma às passivas verbais, mas pertencem à categoria adjetivo e não à categoria verbo. Isso nos leva a compreender não somente que alguns particípios passivos são adjetivos e alguns particípios passivos são verbos, como também que deve haver uma fonte para a passiva que contém os particípios adjetivais e uma fonte para a passiva que contém os particípios verbais.

Em conclusão, a autora apresenta dados que reforçam seus argumentos sobre os particípios passivos verbais e adjetivais e complementa que deve haver uma fonte para a determinação que torne o particípio adjetivo ou verbo. Dessa maneira, até então, notamos a complexidade e dificuldade para diferenciação dos particípios nominais dos verbais, pois as formas de análise de muitos autores fundamentados nessa pesquisa sugerem que não há uma forma geral para análise dessa problemática que envolve os particípios, dada a inter-relação entre adjetivo e verbo.

Em função disso, por intermédio das discussões apresentadas nas seções de fundamentação teórica, iremos apresentar, a seguir, a metodologia que usaremos para análise das notícias, examinando por meio das discussões teóricas tradicionais e, especialmente, das novas concepções exploradas pelo linguista Perini (2010), com a finalidade de averiguarmos o funcionamento dos particípios de forma prática e respondermos nossos objetivos de pesquisa.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta uma natureza qualitativa e se configura como documental, havendo objetivos de caráter explicativo e descritivo, em que os dados foram reunidos, nos quais os participios foram empregados dentro do gênero textual jornalístico notícia. Assim, tendo como *corpus* notícias publicadas no *Jornal G1 Paraíba*³, do qual serão retiradas as evidências para a conclusão da referida proposta, a fim responder os objetivos desta pesquisa.

A pesquisa é definida como qualitativa pois, conforme aponta Zanella (2011, p. 35), “[...] a pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas [...] Esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir-lhe cientificidade”. Deste modo, como propomos, a análise será dialogada com teorias científicas trabalhadas por alguns autores durante a proposta. A pesquisa é documental, pois como explica Zanella (2011)

A análise documental, também chamada de pesquisa documental, envolve a investigação em documentos internos [da organização] ou externos [governamentais, de organizações não-governamentais ou instituições de pesquisa, dentre outras]. É uma técnica utilizada tanto em pesquisa quantitativa como qualitativa. (Zanella, 2011, p. 118).

Desta forma, é documental pois será utilizado o gênero jornalístico notícia, partindo de uma documentação pública para a análise da pesquisa.

A nossa investigação também se caracteriza como explicativa devido a, como expõe Zanella (2011, p. 34), a pesquisa estar “[...] centrada na preocupação de identificar fatores determinantes ou de contribuição no desencadeamento dos fenômenos. Explicar a razão pela qual se dá uma ocorrência social ou natural”. Ou seja, uma análise que pretende explicar o comportamento morfossintático e semântico do participio, especialmente instigada por uma proposição apresentada por Perini (2010), acerca dos participios nominais e verbais e suas funcionalidades.

Por fim, também é descritiva, porque, como dispõe a mesma autora (Zanella, 2011, p. 35), este tipo de pesquisa “[...] se preocupa em descrever os fenômenos por meio dos significados que o ambiente manifesta”. Dessa forma, utilizaremos dados das notícias do mês de março a agosto de 2023, totalizando 25, as quais foram reunidas manualmente, dispendo-as

³ O *corpus* desta pesquisa pode ser encontrado em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/>. Além disso, os links das notícias estão dispostos ao fim do trabalho, na seção “Links de acesso das notícias analisadas”.

em um documento para registro e consulta. Também, tivemos como critérios de escolha das notícias a incidência de participios em estruturas como locução verbal, na voz ativa e passiva, e no sintagma nominal. Assim, reunimos 257 ocorrências de participios com a finalidade de encontrar as respostas para os referidos objetivos da pesquisa.

O site de notícias do *Jornal G1 Paraíba* é uma fonte de informação digital voltada a acontecimentos da região da Paraíba. Com isso, a escolha do *corpus* se deu pela alta incidência da utilização de participios no gênero notícia, por tratar de fatos registrados e finalizados. A seguir, examinaremos o comportamento dos participios nos seus respectivos sintagmas.

5 ANÁLISE DE DADOS

Como dito anteriormente, para este registro de dados, serão utilizadas ocorrências que estão publicadas em notícias do *Jornal G1 – Paraíba*. Ao reunirmos os dados, realizamos um levantamento dos casos em que os participípios estavam em diferentes estruturas, sendo estas dentro de sintagma verbal, com os auxiliares, na voz ativa e passiva, e dentro de sintagmas nominais, como oração adjetiva reduzida com pausa e sem pausa entre o participípio e o núcleo do sintagma pertencente, o que resultou em categorias de análise diferentes. Assim, divididos desta forma, acreditamos que teríamos dados válidos para responder aos objetivos desta pesquisa. Para melhor visualizar, segue uma tabela apresentando a divisão das ocorrências e as estruturas nas quais foram coletadas. Vejamos:

Tabela 1 – Quantidade de ocorrências de participípios nas notícias

Contexto sintático	Sentenças com Participípio	Ocorrências	%
Sintagma Verbal	Com Auxiliar na Voz Passiva	142	55,25%
	Com Auxiliar na Voz Ativa	11	4,29%
	Com Cópula na Voz Ativa	1	0,38%
Sintagma Nominal	Sem Auxiliar e sem Pausa	83	32,30%
	Sem Auxiliar e com Pausa	20	7,78%
	TOTAL	257	100%

Fonte: Elaboração própria, 2023

Assim, como podemos verificar na tabela, nosso critério de escolha foi fundamentado no participípio localizado em espaços diferentes. Dentro do sintagma verbal, encontramos 142 ocorrências do participípio no constituinte verbal, com auxiliar na voz passiva, o que representa 55,25% dos dados; 11 ocorrências, também no constituinte verbal, com auxiliar na voz ativa, totalizando 4,29% e apenas 01 ocorrência de participípio na voz ativa funcionando como predicativo do sujeito. Dentro do sintagma nominal, portanto, sem o acompanhamento de auxiliares, encontramos 83 ocorrências do participípio, sem pausa entre o participípio e o núcleo do SN, representando 32,30% dos dados; e, por fim, com pausa entre o participípio e o núcleo do SN, 20 ocorrências, totalizando 7,78% dos dados. Na sua totalidade, encontramos 257 ocorrências dos participípios nas 25 notícias do nosso *corpus*.

A fim de atender aos objetivos propostos no presente trabalho, buscamos verificar as funções morfossintáticas dos participípios e observar como se dá a empregabilidade deles em

uma construção da voz passiva. Nesta perspectiva, propomos criar um diálogo entre as discussões da gramática tradicional e a contemporânea, averiguando ambas as visões com a finalidade de atender os nossos objetivos de pesquisa.

5.1 Particípio no sintagma verbal: voz ativa e voz passiva

Nesta seção, reunimos exemplos referentes ao uso de particípios com verbos auxiliares, separando as ocorrências em voz ativa e passiva. Para tanto, iniciamos com a discussão focalizada no verbo *ser*, no pretérito perfeito do indicativo, acompanhado do particípio. Vejamos as ocorrências:

- 1) O caso **foi divulgado** nesta terça-feira (14) (G1 PB, 14 de mar. 2023, p. 1);
- 2) Um homem, de 42 anos, **foi internado** em estado grave de saúde (G1 PB, 14 de mar. 2023, p. 1).

Em 1), alinhado à perspectiva da Gramática Tradicional e da maioria dos autores estudados nessa pesquisa (Neves, 2018; Castilho 2014; Bagno, 2011, etc.)⁴, estamos diante de uma locução verbal, na qual é entendida como junção do VA *ser* + VP *divulgado*. Neste entendimento, trata-se de uma voz passiva legítima, tendo uma ativa correlata, com agente não explícito (Divulgaram o caso).

Como uma segunda forma de análise, levando em conta a proposição de Perini (2010), ao analisarmos as estruturas, o verbo *ser* está no pretérito perfeito do indicativo (foi), auxiliando a marcação de tempo exercida pelo particípio em questão, que evoca um estado conclusivo. Desta forma, segundo o autor, não é possível que haja uma voz passiva, dadas as circunstâncias dos elementos sintáticos e semânticos concernentes ao particípio e quem o acompanha. Para ele, o verbo *ser* é copulativo, tendo como função ser o elemento responsável por ligar o verbo ao predicativo do sujeito.

O ponto crítico a ser analisado se refere a este questionamento do autor, pois entendendo essa noção, não há uma voz passiva nessa estrutura; o que acontece é o emprego de um verbo alinhado a um adjetivo, trazendo informações sobre o sujeito (ou seja, passível a concordar em número e gênero com o sujeito, caso este solicitar). Portanto, “divulgado” trata-

⁴ Para fins de análise, sentimos a necessidade de fazer a oposição entre a concepção de Perini (2010) e as concepções da GT e dos outros autores que também classificam como locução verbal na voz passiva as ocorrências do auxiliar + particípio. Por este motivo, optamos por usar o adjetivo “convencional”, em vez de “tradicional”, para evitar confusões com a perspectiva da Gramática Tradicional.

se de um particípio nominal, especificamente da função sintática de predicativo do sujeito, a partir destes argumentos, inicialmente.

No segundo exemplo, 2) “Um homem, de 42 anos, **foi internado** em estado grave de saúde”, com base na perspectiva convencional, é percebida uma locução verbal, na qual podemos detectar o *ser* (VA) + particípio (VP) em uma construção passiva, com agente não explícito, possuindo uma voz ativa correspondente (Internaram o agricultor em UTI). Com base nos apontamentos de Perini (2010), de forma semelhante à ocorrência anterior, não se trata de uma locução verbal, em razão da cópula exercida pelo verbo de ligação e o predicativo que o sucede.

É importante enfatizar que, ao lidarmos com esse tipo de relação, o particípio, na discutível voz passiva, tem relação com o sujeito, ou seja, segue o mesmo padrão na questão da possibilidade de flexão em gênero e número (Uma mulher foi internada; Mulheres foram internadas; Homem foi internado; Homens foram internados). Argumentos como esses sugerem que a ocorrência 2), por fim, trata-se de um particípio nominal.

Com respeito a esse contraste de pensamento entre a tradição e Perini (2010), podemos perceber que, a partir do raciocínio do autor, em casos como já explicitados, o particípio nominal seria sempre irregular, enquanto o verbal seria regular. Assim, se observarmos os exemplos 1 (foi divulgado) e 2 (foi internado), pode-se captar que os particípios em enfoque são regulares, mas apresentam traços nominais (concordância em gênero e número com o sujeito). Nesse sentido, como já discutido, entendemos que a fórmula para identificação do particípio como nominal ou verbal não é morfológica, com base nestes dados.

Neste raciocínio, em 1) e 2), teríamos um verbo de ligação e um predicativo do sujeito, que é reconhecido como PN – portanto, não existiria voz passiva. Destarte, é possível observarmos que, reconhecendo como PN, o agente da passiva “pelo porteiro” perderia essa função sintática, pois ao recusar a existência de voz passiva, o agente não exerce nenhuma função deste tipo na construção. Além disso, as locuções aqui analisadas “foi divulgado”, “foi internado” e “era entregue” denotam um traço eventivo por causa do agente. Ou seja, “foi divulgado/internado/entregue por alguém”. Portanto, o traço predicativo não existiria, dada a ideia de que há um agente realizando uma ação, não havendo uma ligação predicativa do sujeito.

Diante destas alegações, poderíamos concluir que seria um caso de particípio verbal, mas isso inclina a uma inconsistência: Perini (2010, p. 176) apresenta que “[...] a relação semântica expressa pela sequência *ter* + *batido* é sistemática, sendo a mesma para todos os

verbos [...] Essa situação se verifica sempre que o particípio ocorre associado ao verbo *ter*, e só aí”.

Deste modo, para o autor, o PV pode ser identificado na voz ativa, a partir do auxiliar *ter*, no entanto, se considerarmos a análise anterior, estaríamos diante de um PV dentro da voz passiva, a partir do auxiliar *ser* (foi). Ou seja, PV não seria exclusivo da voz ativa (a partir do verbo *ter* como auxiliar) e nem seria localizado somente quando regular. Também, a partir dessa reflexão, o autor explicita que o PV não flexiona em gênero nem em número; deste modo, se considerarmos os apontamentos anteriores, a flexão pode ser aplicada (em gênero: divulgada, internada; e em número: divulgados, internados, entregues). No entanto, compreendemos que a proposta do autor não está finalizada, sendo apenas indagações em relação ao funcionamento dos particípios. Desta forma, por razão dessa proximidade morfosintática e semântica, esta linha de raciocínio parece sugerir que não há uma divergência clara entre os particípios nominais e verbais, nestes casos, mas sim uma inter-relação entre ambos. Por isso, iremos aprofundar essa análise ao fim da seção.

Para darmos continuidade, vejamos como se comporta o particípio na construção a seguir:

- 3) As buscas **foram encerradas** na noite desta quinta-feira (9) (G1 PB, 10 de mar. 2023, p. 1).

Nessa ocorrência, é entendido, fundamentalmente, que temos uma locução verbal, a partir do auxílio do verbo pleno *ser*, na terceira pessoa do plural, no pretérito perfeito do indicativo (*foram*), que exprime um tempo passado, concreto, finalizado, alinhado ao particípio *encerradas*; oração esta que está na voz passiva, tendo uma ativa correspondente, com agente não explícito (Encerraram a busca).

Assim, se aplicado o pensamento de Perini (2010), o VA pensado tradicionalmente se torna um VP, dado que é o único verbo existente na sentença, na sua concepção. Eles demonstram uma perfeita relação entre um verbo principal e um predicativo do sujeito, atribuindo um estado das buscas. Nesse sentido, não seria nem locução verbal nem voz passiva.

No caso do particípio tanto verbal quanto nominal, apenas o auxiliar, pensando no particípio verbal, na voz ativa (As buscas tinham encerrado), quanto o principal, referente ao particípio nominal, na discutível voz passiva (As buscas foram encerradas), podem sofrer flexão de número. Com isso, o particípio verbal não flexiona e o nominal flexiona. Neste caso, portanto, “encerradas” seria particípio nominal por variar em gênero e número a depender do sujeito que se relaciona, sendo, portanto, predicativo do sujeito.

Destarte, o argumento de que há um agente quebra essa concepção de Perini (2010), pois é responsável por dar força à locução verbal de que são legítimos verbos, não expressando uma característica das buscas. O VA e o VP demonstram uma força verbal, ativa, entendida como uma ação passada, finalizada e concretizada por um sujeito, contendo traço eventivo.

Porém, se pensarmos em um caso estativo, como “As buscas estão encerradas”, de imediato, poderíamos cogitar que se trataria de um PN, pelo suposto traço estativo que é presente; contudo, ainda está expresso, implicitamente, um agente – isso acaba por reforçar que a problemática dos PNs ainda não pode ser concluída como estativa, dada a possibilidade de uma leitura eventiva em paralelo à estativa. Ou seja, por mais que se tenha o juízo de que “foram encerradas” é um estado (estativo), o agente impulsiona uma ação (eventivo), visto que as buscas estão encerradas por alguém, o que gera um conflito na hora de determinar como um ou outro.

Neste momento, analisaremos como se comportam os participípios quando o verbo que o antecede expressa um tempo presente e passado, respectivamente. Vejamos a ocorrência:

4) Agricultor é **internado** em UTI após **ser mordido** por cobra na Paraíba (G1 PB, 14 de mar. 2023, p. 1).

Nessa ocorrência, por meio da análise convencional, são evidenciadas duas locuções verbais, nas quais podemos detectar o ser (VA) + participípio (VP), estando “é internado” e “ser mordido”, construções passivas com agente não explícito na primeira locução e explícito na segunda. Também é possível interpretar que ambas as locuções possuem uma voz ativa correspondente (Internaram o agricultor em UTI; A cobra mordeu o agricultor).

Com relação aos apontamentos de Perini (2010), não estamos lidando com uma locução verbal pelo fator de o funcionamento dos participípios acompanhados de verbo de ligação, nesse tipo de construção, não remeterem a uma locução, mas a uma cópula entre o verbo de ligação e predicativo. Neste entendimento, a alteração do tempo do verbo do primeiro caso (é) está no presente do indicativo, enquanto ser é um verbo no infinitivo que, no contexto inserido, está expressando um tempo passado.

Destarte, ambas as formas do verbo de ligação, com base no tempo em que estão, não são capazes de negar a existência de um participípio nominal. Desta forma, “internado” e “mordido”, na ocorrência 4) seriam participípios nominais, ainda que marquem tempos diferentes. No entanto, já é notável o conflito com a ideia da leitura eventiva, que há um agente realizando a ação: a locução “é internado” contém agente implícito (Internaram o agricultor),

enquanto “ser mordido” detém um explícito (A cobra mordeu o agricultor). Deste modo, poderíamos considerar, inicialmente, como participio verbal em ambos os casos.

Um outro argumento que rejeita essa concepção predicativa do autor é a substituição do participio por qualquer outro adjetivo que resulte um teor predicativo. Assim, se aplicarmos a sentença “A encomenda era entregue pelo porteiro” em um eixo paradigmático, poderíamos substituir o participio por qualquer outro adjetivo (era leve; era grande; era bonita, etc.). Sobretudo, Perini (2010, p. 179) atenta-se para a questão do por que “pelo porteiro” teria o papel de agente, mesmo que resulte em um teor predicativo na sentença. Também, utiliza o argumento de que o agente pode existir em uma voz ativa, a exemplo “A destruição da cidade pelos inimigos”, e explica que isso talvez aconteça pelo fator de que a preposição tem esse papel temático.

Entretanto, sua análise paradigmática com os participios, colocando-os em um papel de semelhança com os adjetivos não pode ser aplicada de forma geral, afinal, em 4) “Agricultor é internado” não pode ser substituído por qualquer outro adjetivo (Agricultor é leve, grande, alto) em que é clara a evidência de um agente. Neste caso, o sentido completo da oração é comprometido, pois há um agente; portanto, se temos um, percebemos que estamos lidando com uma locução verbal, e considerar “é leve/grande/alto por alguém” não faz sentido, pois não se pode considerar uma equivalência quando posto o eixo paradigmático entre adjetivo e participio, no qual é possível a leitura de um agente, que está implícito no contexto atual.

Dando início ao outro tipo de ocorrência, observamos o exemplo a seguir:

5) Como o agricultor não **tinha identificado** o animal que o mordeu, ele precisou passar por exames que confirmaram que ele **estava infectado** com o veneno de uma serpente. (G1 PB, 14 de mar. 2023, p. 1).

Com relação ao primeiro caso (tinha identificado), seguindo a análise convencional, estamos diante de uma locução que é pertencente à voz ativa. A relação semântica e sintática funciona nessa perspectiva, em que o verbo *ter*, estando no pretérito imperfeito do indicativo, é auxiliar do participio *identificado*.

Por este viés, Perini (2010) descreve o participio dentro do sintagma verbal, na voz ativa, impossibilitado de flexionar, ou seja, o participio essencialmente como um verbo, não tendo marcas adjetivas (flexionando o gênero ou número diante do sujeito que o verbo pertença). O VA *ter*, neste caso, é o único que pode ser flexionado (por exemplo, “As pessoas têm identificado problemas políticos”), entretanto, o participio não flexiona nessa relação, estando o sujeito no singular ou não.

Ademais, é importante ressaltar que o autor trata como verbo o particípio na voz ativa, mas, na rejeitada voz passiva, o particípio é tratado com marcas adjetivas, predicativas. Por um lado, a proposta do autor sugere que na voz ativa o particípio expressa sua função de verbo, mas ao transformar na voz passiva (O animal que o mordeu não foi identificado pelo agricultor) é afirmado que não existe uma voz passiva legítima, ou seja, exprime somente uma relação predicativa.

Nessa perspectiva, podemos notar que o raciocínio de Perini (2010) funciona perfeitamente em sugerir uma construção como essa como PV, pois, quando na voz ativa, ele não flexiona (apenas o auxiliar, em número, como já dito) e tem funcionamento de verbo, essencialmente. Consideramos, portanto, o PV na voz ativa como o único caso em que podemos, com exatidão, afirmar ser um particípio verbal, pois nada na estrutura rejeita essa análise, suspeitando ser um caso em que é confundido com um adjetivo, ou seja, PN (diferentemente de casos com verbo de ligação e predicativo, que é um dos problemas enfrentados para sua identificação ou diferenciação como locução ou cópula).

Com relação à outra ocorrência, ainda na 5) “Ele **estava infectado** com o veneno de uma serpente”, convencionalmente é uma locução verbal, a partir da relação VA e VP. Diferentemente dos casos anteriores, expressos pelo verbo *ser*, este é um caso com o verbo *estar*, o qual está na terceira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo (*estava*), na voz passiva e possuindo uma voz ativa correspondente (O veneno de uma serpente o infectou).

Nas duas formas, o sentido é compreendido. Entretanto, com base em Perini (2010), o verbo *estar* é um tipo de verbo de ligação que pode transformar o particípio na forma nominal, ou seja, a forma variável. Deste modo, podemos compreender “Ele estava infectado; Eles estavam infectados” da mesma forma que “Ela estava infectada; Elas estavam infectadas”, pois o particípio, a partir da cópula com os verbos *ser*, *estar* e *ficar* é possibilitado a flexionar, dependendo do sujeito que esteja expresso no contexto. Portanto, seria um caso de particípio nominal.

Nessa ocorrência, é possível perceber, claramente, que há uma confusão entre considerar o particípio como predicativo ou como verbo, a partir do verbo *estava*. Por meio da leitura estativa, poderíamos compreender o caso como PN, predicativo, dado que o verbo antecedendo o particípio expressa um estado. Contudo, também está presente o sentido eventivo, pois temos em pauta um agente (o veneno da serpente). Assim, assumir como PN ou PV torna-se conflituoso, pois percebemos os traços estativos e eventivos expressos em uma mesma sentença.

Por fim, no último exemplo para análise desta seção, observamos o seguinte caso:

- 6) Ele **estava desaparecido** desde o final da tarde desta quinta-feira (9) (G1 PB, 10 de mar. 2023, p. 1).

Nessa ocorrência, temos uma relação predicativa, em que o verbo de ligação está no pretérito imperfeito do indicativo, em relação ao particípio que atribui uma característica ao seu núcleo do SN. Neste caso, não há uma voz passiva, pois o sujeito não foi desaparecido por alguém, logo, é um caso de uma ativa com um verbo de ligação e um adjetivo na função de predicativo do sujeito.

Neste raciocínio, não poderíamos concluir ser um caso de particípio verbal numa voz ativa, pois o particípio não poderia estar acompanhado do auxiliar *estar*, mas sim, *ter* (Ele tinha desaparecido na quinta-feira, por exemplo), com base na análise de Perini (2010). Contudo, acreditamos que os critérios de identificação do autor com relação aos PVs, neste caso, não se aplicam, pois o auxiliar teria de ser a forma *ter* para ser, essencialmente, um particípio verbal. No caso analisado, estamos diante de um particípio nominal em uma voz ativa, o que sugere a afirmação de que nem sempre o particípio nominal estará na voz passiva, podendo funcionar tanto sintaticamente quanto semanticamente em uma voz ativa, trazendo um estado/condição ao sujeito.

Nesta linha argumentativa, os traços semânticos e sintáticos esclarecem que este é um caso estritamente nominal, no qual o particípio obedece aos traços definidos por Perini (2010). Diferentemente do que foi discutido, por exemplo, em “A encomenda era entregue pelo porteiro”, que permite uma leitura estativa e eventiva, aqui há somente uma leitura estativa, predicativa; o particípio exerce função nominal, sem a possibilidade de traço verbal. Desta forma, conclui-se que em casos nos quais a leitura é unicamente estativa, em que seja possibilitada a flexão em número e/ou gênero na voz ativa, e, também, não exista uma passiva com agente existente, estaremos tratando de um particípio nominal; e quando for uma leitura unicamente eventiva, sem possibilidade de flexão, também na voz ativa, será entendido como particípio verbal. Para melhor visualização dos dados, reunimos em uma tabela as ocorrências dos particípios no sintagma verbal, considerando os critérios de voz ativa e passiva. Vejamos a seguir:

Tabela 2 – Particípios nominais, verbais e verbinominais na voz ativa e passiva

Sentenças com Particípio	Voz Ativa	Voz Passiva	%
Particípio Verbinominal	---	142	92,20%
Particípio Verbal	11	---	7,15%
Particípio Nominal	1	---	0,65%
TOTAL	12	142	100%

Fonte: Elaboração própria, 2023

A partir destas análises, como é possível ver na tabela, coletamos 142 ocorrências de participios na voz passiva (tendo traço nominal e verbal simultaneamente), em que é possível uma leitura eventiva e estativa (na qual a locução implicaria estado e evento), além de que é possível a flexão; 11 ocorrências de participio verbal na voz ativa (essencialmente verbo, não sendo possível a flexão) e 1 ocorrência de participio nominal na voz ativa (essencialmente nome, passível à flexão e contendo verbo de ligação).

Estes dados coletados nos mostraram uma percepção que sugere um olhar de inter-relação entre os participios nominais e verbais por razões dos seus próprios traços sugeridos por Perini (2010), mas que há contradição em certos casos, como já verificamos durante a análise desta seção. Destarte, criamos um quadro no qual é possível percebermos os traços dos participios nominais e verbais identificados na análise, respectivamente, como veremos a seguir:

Quadro 3 – Participios na voz ativa e na voz passiva

Traços Nominais e Verbais dos Participios	
Particípio Nominal (+NOME)	Particípio Verbal (+VERBO)
Regular e Irregular	Regular e Irregular
Voz Ativa	Voz Ativa
Voz Passiva	Voz Passiva
Leitura Estativa	Leitura Eventiva
Admite Flexão	Não Admite Flexão

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Nas construções analisadas, pudemos notar situações em que há tanto traços nominais quanto verbais, como demonstra o quadro acima. Foi possível identificarmos todos estes traços nos possíveis PNs e PVs analisados, de modo que se diferenciam da visão de Perini (2010) com relação ao PV e seu auxiliar, se considerado casos específicos como PV, a partir de um auxiliar que não seja *ter*, por exemplo, como vimos em 1) e 2); voz passiva (para nominais) e ativa (para verbais); possibilidade de admissão de flexão (para nominais) e de não admissão (para verbais), mas já observamos que essa forma para identificação é conflituosa na maioria das ocorrências.

Com relação ao traço semântico proposto por Torres Morais (1988), essa visão também fica comprometida, pois a leitura estativa pode ser entendida como uma condição, predicativa, e a eventiva como evento, ação; porém, nas ocorrências analisadas, como em 4) “Agricultor é internado”, temos, em enfoque, uma relação predicativa (a partir do verbo *ser* + particípio), contudo, há, implicitamente, um agente (é internado por alguém), o que enfatiza que a diferenciação por este critério também não parece ser eficaz e não pode ser aplicada em todos os casos, com a exceção de 6) “Ele estava desaparecido”, no qual não temos agente, e o sentido é, de fato, estativo e 5) “O agricultor não tinha identificado”, de modo que não há nenhum traço nominal que possibilite flexão.

Nesta linha de raciocínio, em, por exemplo, 3) “As buscas foram encerradas”, temos todos os traços nominais (à exceção da voz ativa, pois se trata de uma passiva) e verbais (com exceção da não admissão de flexão e voz ativa, pois também é uma passiva).

Afinal, temos traços tanto de nomes como de verbos, deste modo, não podemos identificar como somente um ou somente outro aplicando de forma geral, pois essa constatação pode ser feita apenas em casos específicos, como quando o PN está na voz ativa, sem agente e o PV também, sendo essencialmente, nome: como em 6) – enquanto PN, contendo leitura estativa, predicativa e sem agente – e verbo, como em 5) – enquanto PV, contendo leitura eventiva, com agente expresso pelo próprio sujeito.

Por fim, discordamos de Perini (2010) a partir destes argumentos e destas ocorrências, dado que assumir um particípio como nominal e verbal por meio dos seus critérios não é funcional em todos os casos, mas há estruturas em que seu raciocínio funciona, quando estritamente nominal, como em 6) ou verbal, como em 5). Em relação à leitura de um agente, no que o autor traz sobre a voz passiva, com relação predicativa, não funciona, dado que temos uma leitura inter-relativa para casos tanto compreendidos como nominais quanto verbais.

Desse modo, sugerir que não haveria uma voz passiva no exemplo em que se fundamentou (A encomenda era entregue pelo porteiro) atribuiria ao agente uma outra função que não agente da passiva, fator que comprometeria a análise.

Assim, seguiremos para a seção do particípio sem auxiliar, sem pausa entre ele e o núcleo do Sintagma Nominal, verificando o comportamento morfossintático dele a partir destas análises.

5.2 Particípio no sintagma nominal: sem pausa entre o particípio e o núcleo do sintagma nominal

Referente a esta seção, analisaremos o particípio sem auxiliar, sem pausa entre ele e o núcleo do SN. Para iniciar, vejamos as ocorrências:

7) Em vídeo **gravado** nas redes sociais, o prefeito Vitor Hugo, do partido União Brasil, creditou a decisão a potencial “risco” de violência (G1 PB, 25 de ago. 2023, p. 1).

8) Com a suspensão da emissão dos bilhetes, o dinheiro **perdido** pode chegar a um valor ainda mais alto (G1 PB, 25 de ago. 2023, p. 1).

Em casos como 7), o particípio pode ser considerado com um adjetivo por razão morfossintática, pois é pertencente ao SN, o que acaba por ter semelhança sintática com o adjetivo, que funciona como modificador do nome. Assim como Castilho (2014, p. 409) pontua, ao dizer que poderiam ser identificados como adjetivo quando estão ocupando posição de adjunto adnominal, como em “*Tinha uma bela figura, os cabelos **penteados**, o ar sério*”, por exemplo. Neste viés, aplicando o raciocínio de Perini (2010), “gravado” tem como escopo o substantivo (vídeo), que é núcleo do SN, o que sugeriria ser um caso de particípio nominal (pela possibilidade de flexão e pela semelhança com os adjetivos).

Com relação à próxima ocorrência, em 8) “[...] o dinheiro **perdido** pode chegar a um valor ainda mais alto”, o particípio está funcionando como modificador do núcleo do SN, ou seja, o substantivo “dinheiro”. Nessa perspectiva, o particípio exerce função de adjunto adnominal, estando presente no SN, tendo relação direta com o sujeito, o qual é possibilitado flexionar de acordo com o gênero e número do sujeito antecedente. Por esta razão, estaríamos diante de um caso de particípio nominal, ou seja, um adjetivo.

Com base nisso, estas ocorrências possibilitam a noção de que o particípio regular está dentro do SN, funcionando como modificador do seu núcleo, em ambos os casos. No entanto, também é possível a perspectiva de que há uma oração adjetiva restritiva reduzida de particípio (Vídeo que foi gravado; dinheiro que foi perdido), o que retoma algumas particularidades do particípio: nestas construções, também há a possibilidade de flexão em gênero e número, dependendo do núcleo (cena(s) gravada(s), casa(s) perdida(s)) e traço estativo (pois há um verbo de ligação + particípio), que são peculiaridades dos nomes, ou seja, PN; porém, também uma eventiva, que se refere a uma ação realizada (que foi perdido/gravado por algo/alguém), que é um traço do PV.

Por meio desta análise, e de toda discussão em relação a essa inter-relação entre os particípios, podemos verificar traços dos dois em uma mesma sentença, logo, se formos diferenciar pelo critério semântico de uma leitura estativa ou eventiva não podemos determinar que se trata de um PN ou PV, pois os traços se voltam aos dois. Ou seja, há impossibilidade de

assumir uma oposição entre eles, pois parece que acumulam a função, quando leva em conta as orações reduzidas, inicialmente. No entanto, quando ocupa a função de adjunto adnominal, também presenciamos um agente (vídeo gravado por alguém; dinheiro perdido por alguém), bem como sua flexão, o que confere essa relação entre ambos os participípios.

Desta maneira, podemos assumir que se trata de uma oração adjetiva restritiva reduzida de participípio, na qual há função de adjunto adnominal. Contudo, não parece se ter uma conclusão definidora de que o participípio é nominal ou verbal, mas sim coexistem na mesma sentença.

Para prosseguirmos, apresentaremos os exemplos 3 e 4, de participípio sem auxiliar:

9) Quanto aos prejuízos financeiros **ocasionados** pela suspensão, Cristóvão relatou que as passagens de ida e volta para a capital paraibana, somadas, chegaram a um valor de R\$ 1.500 (G1 PB, 25 de ago. 2023, p. 1);

10) Na noite do dia 18 de julho dois homens **armados** invadiram o coletivo que faz a linha 600, entre os bairros de Bessa e Varadouro (G1 PB, 30 de jul. 2023, p. 1).

Nas duas ocorrências em destaque, o participípio continua com a possibilidade de ser identificado como um adjetivo, pois, quando está dentro do SN, sem pausa entre o participípio e o núcleo, ele está se referindo ao núcleo do SN (“prejuízos financeiros”, em 9); e “homens”, em 10). Nesta perspectiva, os participípios têm como escopo o núcleo do mesmo sintagma que ocupam. Levando em conta essas informações, no raciocínio de Perini (2010), “ocasionados” e “armados” ocupam o espaço de modificador do núcleo, se tratando de um adjunto adnominal do substantivo que o antecede, visto que é possível a flexão e exerce a mesma função que adjetivos. Assim, poderíamos concluir que seria um participípio nominal por estas particularidades.

Por outro lado, a possibilidade de se entender como uma oração adjetiva restritiva reduzida de participípio apresenta uma situação em que a análise se torna confusa, para identificar como PV ou PN. Além do fator de que estaríamos lidando com uma oração, a flexão continua sendo possibilitada em decorrência do núcleo a que o participípio se refere (por exemplo, prejuízos ocasionados; perda ocasionada; homens armados; mulheres armadas). Porém, o participípio contendo traços nominais, o mesmo ocorre com traços verbais (ao localizar o agente, na leitura eventiva, como em “Prejuízos que foram ocasionados pela suspensão” e “Homens que foram armados por alguém, respectivamente). Deste modo, declarar e distinguir o PN e PV por meio dessas estruturas é uma tarefa árdua, dado que os traços dos dois estão presentes em uma inter-relação.

Por conseguinte, seguiremos para uma ocorrência de participípio irregular sem auxiliar:

11) Segundo o engenheiro, a situação complicou a possibilidade da viagem ocorrer, porque além de terem que arcar com custos com novas passagens em outras companhias aéreas, não conseguiriam utilizar o dinheiro **pago** a 123 Milhas fora dos vouchers disponibilizados pela empresa (G1 PB, 25 de ago. 2023, p. 1).

Com relação a 11), “[...] não conseguiram utilizar o dinheiro **pago**”, o participípio em destaque é irregular, o qual entra na classe dos verbos abundantes (pagado; pago). Este mesmo participípio tem como referência um nome, que é núcleo do SN (dinheiro). Neste viés, evidentemente estaríamos diante de um participípio nominal na concepção de Perini (2010), pois no exemplo “A luz acesa ficava muito longe”, o autor diz que “Trata-se de um participípio nominal (não propriamente ‘do verbo *acender*’, pois não pertence ao seu lexema)” (Perini, 2010, p. 177). Assim, em 11), o participípio funcionaria na mesma perspectiva do autor.

Ademais, ao longo desta análise, o critério semântico parece seguir a mesma ressalva de que não são definidores para a diferenciação destes participípios – salvo sua diferenciação por traços, em que, existindo uma leitura estativa pode ser nominal, e eventiva, verbal. Ou seja, é válido ressaltar que este referido critério funciona para a diferenciação de um participípio nominal e verbal (quando traço diferenciador dos nomes e dos verbos), entretanto, não parece qualificado para resolver a questão da possibilidade de flexão em estruturas deste tipo (que é um traço de nome, não de verbo) em orações adjetivas reduzidas, com função de adjunto adnominal, e também quando há uma leitura eventiva de um agente, seja implícito ou não.

Desta forma, na ocorrência 11), notamos uma oração adjetiva restritiva reduzida de participípio com função de adjunto adnominal, na qual é possível uma leitura eventiva, com agente não evidenciado (o dinheiro que foi pago por alguém), mas também há um verbo de ligação (foi) que se refere ao sujeito que, na concepção de Perini (2010), estabelece uma relação predicativa, adjetiva (neste caso, seria uma leitura estativa) e possibilitaria a flexão (“a casa que foi paga”, por exemplo). Porém, como já dito, se pensarmos que o traço eventivo elimina o raciocínio do participípio como adjetivo, tornando-se uma locução verbal, evidenciando uma ação, ainda não explica a sua possibilidade de flexão, a depender do sujeito que se refere.

No que se refere ao entendimento de Perini (2010, p. 177), sobre o funcionamento de “A luz acesa”, sendo participípio nominal, aqui, percebemos que há uma oração adjetiva reduzida de participípio. Na pesquisa do autor, ele não apresenta um entendimento enquanto uma oração deste tipo, mas é perceptível que sem o raciocínio do traço estativo e eventivo, poderíamos

concluir como um nominal, mas em outra perspectiva, o mesmo raciocínio não se aplica pois, em meio ao traço estativo, também há um eventivo.

Portanto, percebe-se que há tanto traço nominal quanto verbal, e assumir como apenas um deles (particípio nominal ou verbal) não parece viável, por estarem em uma coexistência morfossintática e semântica a partir dos seus traços. Desta forma, assim como os participios regulares, o irregular também adentra no raciocínio de ser tomado como adjetivo ou verbo.

Por fim, diante de todas as ocorrências analisadas, temos como resultado, nesta seção, de que não há um critério para diferenciar o particípio nominal e verbal quando são lidos como orações adjetivas restritivas reduzidas de particípio. O argumento de que são PNs ou PVs é impossibilitado, pelo motivo de que suas funcionalidades morfossintáticas e semânticas são muito próximas; principalmente, semanticamente, em que a leitura estativa existe também diante da eventiva, em todos os casos que foram analisados.

Assim, um raciocínio de que há uma relação entre elas parece mais vantajoso do que considerar uma oposição, pois seus traços, levando em conta o posicionamento de Perini (2010) e os de proximidade conseguidos com esse trabalho, reforçam que os participios nominais e verbais estão intimamente relacionados nessas construções.

Deste modo, seguiremos para a seção do particípio sem auxiliar, com pausa entre ele e o núcleo do sintagma nominal, verificando seu comportamento morfossintático diante do que foi discutido.

5.3 Particípio no sintagma nominal: com pausa entre o particípio e o núcleo do sintagma nominal

Nesta seção, analisaremos as ocorrências com os participios sem auxiliar, com pausa entre o particípio e o núcleo do SN. Observemos as ocorrências reunidas abaixo:

12) O mutirão vai acontecer na sede do Procon, **localizada** na Avenida Almirante Barroso, nº 693, em João Pessoa, e em todas as unidades do Procon-PB (G1 PB, 29 de jul. 2023, p. 1);

13) Na turnê ‘Portas’, Marisa Monte tem apresentado canções do álbum de mesmo nome, **lançado** em 2021, mas também grandes sucessos de sua carreira, como ‘Beija Eu’ e ‘Ainda Bem’ (G1 PB, 10 de mar. 2023, p. 1).

Na ocorrência 12), o termo destacado se mostra na posição do sintagma nominal, estando presente no aposto explicativo, o qual traz uma informação a mais sobre a sede em questão. Nesse tipo de ocorrência, podemos considerar mais de uma forma de análise, ou seja,

como verbo ou como adjetivo, o que retoma a particularidade do particípio de ter uma relação próxima entre a classe dos nomes e dos verbos.

Por este viés, com base em Perini (2010), nessa situação, estaríamos lidando com um particípio nominal, ou seja, aquele que permite ser flexionado tanto em número como em gênero (localizado/localizados/localizada/localizadas). Além disso, estando diante de um sintagma nominal, modificando um nome (que é expresso pelo sujeito), núcleo desse sintagma, o particípio não expressa nenhuma função de verbo, mas sim de nome, estando na função de adjetivo. Portanto, o termo em destaque se trataria de um particípio nominal diante dessas especificações.

Ao nos atentarmos à questão do aposto, podemos refletir que também pode se entender como uma oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio (*que é localizada*); neste caso, estamos lidando com uma oração, o que preconiza que estaríamos diante de um particípio verbal.

Porém, com base na análise de Perini (2010), o particípio verbal somente pode ser identificado com o verbo *ter* na voz ativa, e, neste caso, o particípio está na voz passiva, com agente não evidenciado (O mutirão vai acontecer na sede do Procon, que é localizada por alguém na Avenida Almirante Barroso, nº 693, em João Pessoa, e em todas as unidades do Procon-PB). Além de que, quando observamos “é localizada”, percebemos uma cópula entre verbo de ligação e o particípio, trazendo mais força ao argumento de que seria um particípio nominal.

Destarte, se considerarmos um caso de particípio verbal, por se tratar de uma oração, a análise de Perini (2010) sobre este tipo de particípio não funcionaria com o mesmo entendimento, afinal, o particípio verbal deve ser identificado na voz ativa, com o verbo auxiliar *ter*; de forma contrária, os particípios nominais devem ser identificados com verbos de ligação, como *ser* e *estar*, atribuindo ao particípio traços adjetivos.

Desse modo, considerar como particípio verbal iria contra o postulado pelo autor, por razão de não haver verbo auxiliar, nem particípio em voz ativa e a flexão do particípio ser possível, dependendo do núcleo do SN (o que não acontece com particípios verbais: por exemplo, em “O prédio tem rachado nos últimos dias; Os prédios têm rachado nesses últimos dias”, uma vez que, nessa estrutura, a única possível flexão é do auxiliar, não do particípio).

Por esta razão, poderíamos concluir como um caso de particípio nominal. Não obstante, ao levantarmos a perspectiva através do critério semântico (leitura estativa e eventiva), a existência do agente fortalece o sentido de que há uma ação voltada à locução, não a uma relação predicativa, estativa; entretanto, o verbo de ligação + particípio retrata uma relação

predicativa também, mas se pensarmos que a leitura eventiva, por ter agente, seria a responsável pela conclusão de que seria um PV, ainda assim isso não explicaria a possibilidade de flexão exercida pelo particípio, como já explicitado.

Assim, é notável a percepção de que há os traços de PN como de PV, os quais não podem ser concretizados como um ou outro, mas há uma inter-relação em seus traços mórficos, semânticos e sintáticos que impossibilitam ser somente um particípio nominal ou verbal. Neste viés, com relação à interpretação como oração adjetiva reduzida de particípio ou aposto explicativo, cremos que estamos lidando com uma oração adjetiva reduzida do particípio, e por ser explicativa, tem o mesmo caráter de aposto explicativo, por razão de que as orações adjetivas têm função apositiva.

Dando prosseguimento, na ocorrência 13) “Na turnê ‘Portas’, Marisa Monte tem apresentado canções do álbum de mesmo nome, **lançado** em 2021, mas também grandes sucessos de sua carreira, como ‘Beija Eu’ e ‘Ainda Bem”, podemos ressaltar que em uma construção como essa, o particípio ocupa uma posição no aposto explicativo, com pausa entre o sujeito e o particípio, o qual busca trazer uma informação a mais sobre o termo antecedente; no entanto, como o caso em 12), anteriormente analisado, também estamos diante de uma oração adjetiva reduzida de particípio (que foi lançado).

Nessa visão, o particípio é possibilitado a ser flexionado tanto em gênero como em número (lançado; lançada; lançados; lançadas). Portanto, poderíamos assumir que é um particípio nominal e uma oração adjetiva reduzida de particípio, com função de aposto explicativo. Contudo, como já discutimos em 12), é possível perceber traços nominais (flexão e leitura estativa) e verbais (somente a leitura eventiva, visto que a flexão é possível), o que nos faz refletir que parece ser inaceitável assumir como nome ou verbo, mas está em evidência uma relação verbinominal entre os particípios.

Vejamos outro par de ocorrências de particípio com pausa:

14) **Dirigido** por Greta Gerwig, o filme acompanha o dia a dia em Barbieland, um mundo mágico onde todas as versões da boneca vivem perfeitamente (G1 PB, 20 de jul. 2023, p. 1);

15) **Acompanhada** de seu fiel e amado Ken, a protagonista precisa enfrentar as dificuldades de não ser mais apenas uma boneca e tentar se encaixar no mundo real (G1 PB, 20 de jul. 2023, p. 1).

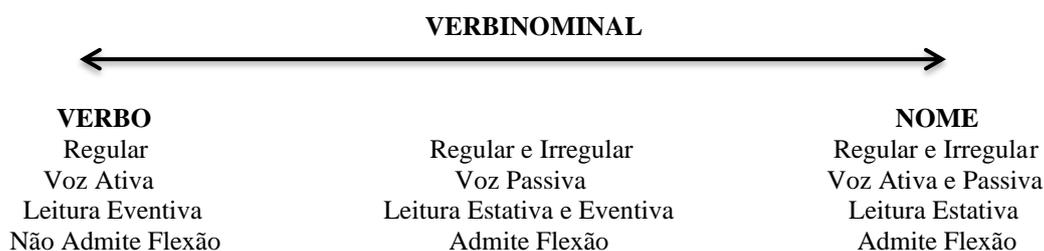
Em 14), é perceptível o particípio na sua forma regular. Desse modo, nota-se que ele está presente no aposto explicativo, e, além disso, pode ser identificado em uma oração adjetiva

reduzida do particípio, que traz informações do núcleo do SN posterior (filme). Nessa perspectiva, teríamos um particípio nominal, por razão de sua flexão ser possível (Dirigido; Dirigida; Dirigidos; Dirigidas). Não obstante, há em foco uma oração adjetiva reduzida do particípio, com caráter de aposto explicativo, visto que oração adjetiva tem função apositiva, em que a flexão é possível e temos um agente (o filme, que foi dirigido por Greta Gerwig). Logo, não podemos afirmar que seja unicamente nem PN, nem PV – eles ocupam a mesma sentença, havendo traços de ambos.

Por fim, em 15) “**Acompanhada** de seu fiel e amado Ken, a protagonista precisa enfrentar as dificuldades de não ser mais apenas uma boneca e tentar se encaixar no mundo real”, pode-se utilizar da mesma abordagem, por serem casos semelhantes. O particípio está na forma regular e pode ser visto dentro do aposto explicativo, tendo como escopo o núcleo do SN posterior (protagonista). Também se trata de uma oração adjetiva reduzida do particípio (que é acompanhada), com especificidade de aposto explicativo. Desta forma, se possibilitada a flexão do particípio, então, seguindo o posicionamento de Perini (2010), estamos lidando com um nominal, adjetivo. No entanto, do mesmo modo, os traços de ambos estão aplicados na sentença, e sugerir que seja somente nominal ou verbal não parece ser considerável, afinal, temos a flexão em número e gênero e leitura eventiva, o que comprova que há associação entre eles.

Nessa linha de pensamento, diante dessa coexistência dos particípios, observada nas ocorrências analisadas neste trabalho, propomos um *continuum*, com relação aos traços exercidos pelos particípios nominais e verbais, de modo que, a partir deste *continuum*, objetivamos apresentar traços apresentados pelo autor Perini (2010) e os coletados e descobertos ao longo desta pesquisa, quanto a uma possível diferenciação destes particípios. Para a elaboração desse *continuum*, trazemos a contribuição de Bagno (2011), com a noção de verbinominais. Assim, observemos o seguinte esquema:

Esquema 1: *Continuum* Participial



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Como é possível observar, os traços verbais e nominais, respectivamente, abarcam o raciocínio de Perini (2010), no que concerne aos participios regulares e irregulares, sua presença em voz ativa e voz passiva e a possibilidade e impossibilidade de flexão. Além dessa perspectiva, os verbais perpassam uma leitura eventiva, ao passo que os nominais, uma leitura estativa, como sugerido por Torres Morais (1988). Assim, os traços verbais e nominais se distanciam por intermédio destes fatores. Entretanto, em meio a esses dois, concebemos a classe de “Verbinominal”, como Bagno (2011), que dedica um capítulo de sua obra às formas nominais do verbo (infinitivo, gerúndio e participio) aos participios que têm traços tanto verbais quanto nominais, dependendo do contexto que o cerca. Neles, observamos os traços regulares e irregulares, presença na voz passiva, leitura estativa e eventiva e admissão de flexão.

Na próxima seção, buscamos sintetizar as conclusões a que chegamos a partir da análise dos dados, destacando, especialmente, os objetivos propostos e alcançados com a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que o comportamento morfossintático do particípio sempre foi alvo de pesquisas que visavam a sua identificação, como termo verbal ou adjetival, nas mais variadas estruturas. Destarte, para alcançarmos o objetivo referente a *identificar os traços morfossintáticos e semânticos que diferenciam os particípios nominais e verbais*, verificamos a funcionalidade destes particípios e buscamos reunir dados significativos para essa pesquisa.

Com relação à seção da voz ativa e voz passiva, obtivemos 154 ocorrências, nas quais 142 indicaram impossibilidade de conclusão sobre o particípio ser definido como nominal ou verbal, por meio de que os traços nominais e verbais eram localizados nos fatores flexão e leitura estativa (para os nominais) e leitura eventiva (para os verbais). Além disso, estes particípios verbinominais foram localizados na voz passiva, não contendo traço nominal e verbal de modo simultâneo nas ativas, as quais mostraram ser essencialmente verbos.

No entanto, contrariamente a esse conflito, em 11 ocorrências de particípio com auxiliar *ter* ou *haver* + particípio na voz ativa e 01 ocorrência de particípio acompanhado do verbo de ligação *estar* também na ativa, pudemos assumir, essencialmente, a forma participial como PN ou PV: Desta forma, como em uma das ocorrências analisadas, em 5) “Agricultor não tinha identificado o animal que o mordeu”, o particípio verbal está na voz ativa, é regular, não é flexionado e possui uma leitura eventiva, de natureza fundamentalmente verbal, concordando com todos os traços propostos por Perini (2010) e Torres Morais (1988), perante o critério semântico demonstrado pela autora, como pudemos comprovar a partir do *continuum*.

No que concerne à ocorrência analisada 6) “Ele estava desaparecido”, o particípio está na voz ativa, é regular, flexionado e possui uma leitura estativa, de natureza fundamentalmente adjetival, predicativa. Desta forma, por estar na voz ativa e não possuir um agente, não há como cogitar se tratar de um PV, resultado esse que estabelece o PN em um contexto que somente pode ser identificado a partir dessas especificações. Nesse sentido, concluímos que os PN e PV nos dados coletados podem ser diferenciados e identificados, em uma relação opositiva, somente nestes casos.

De forma contrária, como as 142 ocorrências restantes, defendemos que estão em uma íntima relação, o que nos leva a entender como um acúmulo de função, no qual os dois coexistem e ocupam o mesmo espaço morfossintático e semântico a partir de seus traços apresentados, de forma que podemos classificá-los como particípios verbinominais; ou seja, estão inter-relacionados de maneira que os traços de nome e verbo pertencem ao particípio nos contextos em que há tanto a flexão (nome), como o agente (verbo).

No que tange à seção 5.2, referente aos participípios sem auxiliar, sem pausa entre ele e o núcleo do SN, pudemos apurar, em todas as ocorrências, as quais totalizam 83, uma inter-relação entre o PN e PV, que é resultante da subsistência de critérios mórficos (regular e irregular, assim como a flexão), semânticos (estado e evento) e sintáticos (associação do participípio em relação aos outros termos da oração), devido a ele exercer um papel nominal e verbal a depender do espaço em que se encontre.

Ainda, se formos considerar uma relação de proximidade entre os traços dos PV e PN para identificá-los em uma relação opositiva, os verbais, como se pode notar no *continuum* apresentado, têm traço regular, existem na voz ativa, têm leitura eventiva e não admitem flexão; e os nominais têm traço regular e irregular, existem na voz ativa e passiva⁵, têm leitura estativa e admite flexão. Logo, quando temos os traços nominais, totalizados em 6, e os verbais em 4, o participípio parece desempenhar uma natureza mais nominal que verbal.

No entanto, eles estão muito próximos nos critérios mórficos, semânticos e sintáticos para haver uma oposição, dado que os verbinominais totalizam também 6 traços, nos quais características dos PNs e PVs estão presentes de modo simultâneo. Nessa perspectiva, a diferença dos traços verbinominais em contraponto aos nominais é de que no primeiro não temos o traço da voz ativa e ele inclui também leitura eventiva, enquanto o segundo inclui a ativa e passiva, mas somente admite leitura estativa.

Por fim, na seção 5.3, na qual analisamos o participípio com pausa entre ele e o SN, com um total de 20 ocorrências, não ocorre um raciocínio muito diferente da seção 5.2. Do mesmo modo, os traços dos participípios resultaram em uma inconclusão quando pensado em uma possível oposição entre eles; o que nos possibilitou a cogitar uma leitura inter-relativa, de forma que os traços nominais e verbais coexistem na mesma sentença. Portanto, ao nos atentarmos ao *continuum* que foi sugerido por nós, os resultados trouxeram a conclusão de que, em todas as ocorrências desta seção, há a presença de todos os traços que se referem aos PNs e PVs, os quais podem ser entendidos, finalmente, em estruturas sem pausa e com pausa, na voz ativa (à exceção quando sem agente) e voz passiva (por meio do verbo de ligação + predicativo do sujeito, enquanto traço, não conclusão), como participípios verbinominais.

⁵ Na passiva, se considerarmos a leitura estativa do verbo de ligação + predicativo do sujeito, e em orações adjetivas reduzidas de participípio, tanto restritivas (função de adjunto adnominal) como explicativas (função de aposto explicativo), nas quais também ocorrem essa relação, caso for pensado em um teor predicativo, não como locução. Então, podemos entender como um traço, mas não uma conclusão, pois um critério definitivo como PN só ocorre na ativa sem agente existente, como já vimos na seção 5.1.

Dessa forma, podemos concluir que o PN pode ser encontrado tanto na voz ativa, quanto na passiva; porém, há apenas uma estrutura na qual ele pode ser, incontestavelmente, um nominal: quando está na voz ativa; apresenta a possibilidade de flexão em gênero e número; é acompanhado de um verbo de ligação; e quando não há um agente existente, como em “Ele estava desaparecido”. Nesta perspectiva, a partir dos dados coletados, tivemos como conclusão três fatores para o objetivo de identificar os traços morfossintáticos que diferenciam os participípios nominais e verbais.

Em primeiro lugar, conseguimos reunir a identificação do participípio nominal nas ocorrências averiguadas em nosso *corpus*, notícias publicadas no *Jornal G1 – Paraíba*, podemos perceber que os fatores morfossintáticos e semânticos dos participípios se inter-relacionam dependendo de sua localização no sintagma, podendo ser reconhecidos como verbos, nomes ou verbinominais.

O segundo fator se relaciona ao participípio verbal que, a respeito dele, Perini (2010) afirma não ser possível a flexão e é encontrado na voz ativa. Neste quesito, concordamos com os traços sugeridos pelo autor, por razão de que em uma ocorrência como “O agricultor não tinha identificado o animal que o mordeu” o participípio está na voz ativa e é impossibilitado de flexionar. Assim, o participípio em questão é essencialmente um verbo e não há uma leitura que o trate como um nome.

Contudo, pelo motivo de o autor ter afirmado a possibilidade de os PVs serem identificados na voz ativa, somente com o auxiliar *ter*, nos dados apresentados, quando os participípios ocupavam função nominal e verbal, o auxiliar poderia ser o *ser*, *estar*, ou mesmo *ter*; com isso, concluímos que a forma de identificação do autor somente é funcional, para PV, na voz ativa, como locução verbal formada em VA *ter* ou *haver* + participípio, como VP. Na passiva, entende-se uma análise de que seria tanto verbal quanto nominal. Desta forma, o auxiliar não é um traço definitivo para a identificação de ambos, com apenas a exceção já apresentada.

Por conseguinte, como terceiro fator de conclusão, na maioria das ocorrências, o participípio demonstrou uma coexistência nominal e verbal, por razão dos critérios morfossintáticos e semânticos. Nas ocorrências nas quais era possível haver flexão e leitura estativa e eventiva (por meio do critério estativo e eventivo de Torres Morais (1988)), o participípio não exerce uma natureza opositiva, mas sim inter-relativa, diferentemente das ocorrências que são naturalmente verbos ou nomes. E, para isso, situamos esse tipo de participípio em um *continuum*, no qual pudemos estabelecer traços nominais, verbais e verbinominais. Assim, nos exemplos nos quais os traços nominais e verbais existiam

simultaneamente, concluímos que se tratam de participios verbinominais, ou seja, exercem função nominal e verbal.

Destarte, em resposta aos nossos outros objetivos, em que um voltava-se a *verificar as funções morfossintáticas dos participios*, foi possível reunir que, majoritariamente, eles tiveram funções verbinominais, totalizando 245 para este tipo (no papel de adjunto adnominal, aposto explicativo ou verbo principal, com traços nominais, na voz passiva); 01 com a função de participio nominal (no papel de predicativo do sujeito, na voz ativa, com verbo de ligação e com agente inexistente); e 11 na função de participio verbal (no papel de verbo principal, na voz ativa, sem possibilidade de flexão).

Como último objetivo, que era *observar como se dá a empregabilidade dos participios em uma construção da voz passiva*, concluímos que o posicionamento de Perini (2010) foi generalista, pois recusar a existência da voz passiva mudaria toda a análise da oração e, como vimos, apesar de manter traços nominais conservados, o participio na voz passiva também conserva os traços verbais. Portanto, podemos concluir que a natureza do participio depende de todo contexto situacional em que é localizado, ao perceber elementos definidores de sua identificação, levando em conta os traços e critérios morfológicos, semânticos e sintáticos a que se referem, em função de suas tipologias.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Celso; LINDLEY, Cintra. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso; TELES, Iara Maria. **Gramática do brasileiro**. São Paulo: Globo, 2008.
- JOAQUIM, Evelyn Dosso. **Um estudo sobre o particípio verbal e nominal**. Monografia (Licenciatura em Letras Portugêses) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- TORRES MORAIS, Maria Aparecida Correa Ribeiro. **A passivação no português: uma abordagem léxico-funcional**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1988.
- ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

LINKS DE ACESSO DAS NOTÍCIAS ANALISADAS

(G1 PB, 10 de mar. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/musica/noticia/2023/03/10/marisa-monte-se-apresenta-em-joao-pessoa-saiba-o-que-esperar-do-show.ghtml>

(G1 PB, 10 de mar. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/03/10/corpo-de-adolescente-que-sumiu-em-acude-e-encontrado-na-grande-joao-pessoa.ghtml>

(G1 PB, 14 de mar. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/03/14/agricultor-e-internado-em-uti-apos-ser-mordido-por-cobra-na-paraiba.ghtml>

(G1 PB, 27 de mar. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/03/27/viatura-da-policia-militar-bate-atras-de-onibus-e-deixa-policial-ferido-na-br-361-em-santa-teresinha-pb.ghtml>

(G1 PB, 04 de abr. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/04/04/gabarito-do-concurso-da-empresa-paraibana-de-comunicacao-e-divulgado.ghtml>

(G1 PB, 04 de abr. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/04/04/foragido-da-justica-e-suspeito-de-roubo-ao-banco-central-e-presos-em-monteiro-na-paraiba.ghtml>

(G1 PB, 04 de abr. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/04/04/delegacias-da-mulher-da-paraiba-veja-a-lista-e-saiba-quais-funcionam-24-horas.ghtml>

(G1 PB, 10 de mai. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/10/estado-da-pb-e-condenado-a-indenizar-em-r-50-mil-mae-de-vigilante-morto-em-clinica-de-campina-grande.ghtml>

(G1 PB, 12 de mai. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/12/crm-pb-desinterdita-upa-de-bayeux-apos-reforco-na-escala-de-medicos.ghtml>

(G1 PB, 30 de mai. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/30/corpus-christi-servidores-da-paraiba-terao-ponto-facultativo-na-quinta-e-na-sexta-feira.ghtml>

(G1 PB, 06 de jun. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/06/06/cesta-basica-em-joao-pessoa-tem-segundo-menor-valor-entre-as-capitais-do-nordeste-em-maio.ghtml>

(G1 PB, 06 de jun. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/06/06/braisco-mpany-leilao-de-bens-tem-porsche-moto-aquatica-e-mansao-em-condominio.ghtml>

(G1 PB, 09 de jun. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/06/09/abastecimento-de-agua-em-santa-rita-na-pb-e-interrompido-por-falta-de-energia-na-cidade.ghtml>

(G1 PB, 16 de jun. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2023/06/16/pm-salva-bebe-engasgada-em-paraiba-do-sul.ghtml>

(G1 PB, 20 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/20/filmes-barbie-e-oppenheimer-estream-nos-cinemas-da-paraiba.ghtml>

(G1 PB, 20 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/20/mutirao-do-procon-vai-renegociar-dividas-na-paraiba.ghtml>

(G1 PB, 20 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/20/estelionato-digital-aumenta-mais-de-500percent-na-paraiba-terceira-maior-variacao-do-pais.ghtml>

(G1 PB, 22 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/22/litoral-da-paraiba-tem-nove-trechos-de-praia-improprios-para-banho.ghtml>

(G1 PB, 26 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/26/motorista-morre-em-acidente-com-caminhao-na-br-230-pb.ghtml>

(G1 PB, 29 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/29/entenda-como-funciona-mutirao-do-procon-que-renegocia-dividas-na-pb.ghtml>

(G1 PB, 30 de jul. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/07/30/suspeito-de-participacao-em-ataque-com-incendio-a-onibus-na-pb-e-solto-apos-audiencia-de-custodia.ghtml>

(G1 PB, 24 de ago. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/08/24/pessoas-vitimas-de-violencia-sexual-na-paraiba-passam-a-ser-vacinadas-contr-o-hpv.ghtml>

(G1 PB, 25 de ago. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/08/25/turistas-planejam-viagem-para-ver-ultimo-eclipse-anular-do-sol-ate-2027-e-tem-passagens-suspensas-pela-123-milhas.ghtml>

(G1 PB, 25 de ago. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/08/25/pais-de-bebe-achado-morto-em-lixeira-sao-indiciados-por-homicidio-triplamente-qualificado-na-pb.ghtml>

(G1 PB, 25 de ago. 2023). **Link:** <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/08/25/desfile-de-7-de-setembro-e-cancelado-em-cabedelo-pb-por-risco-de-violencia-diz-prefeito.ghtml>